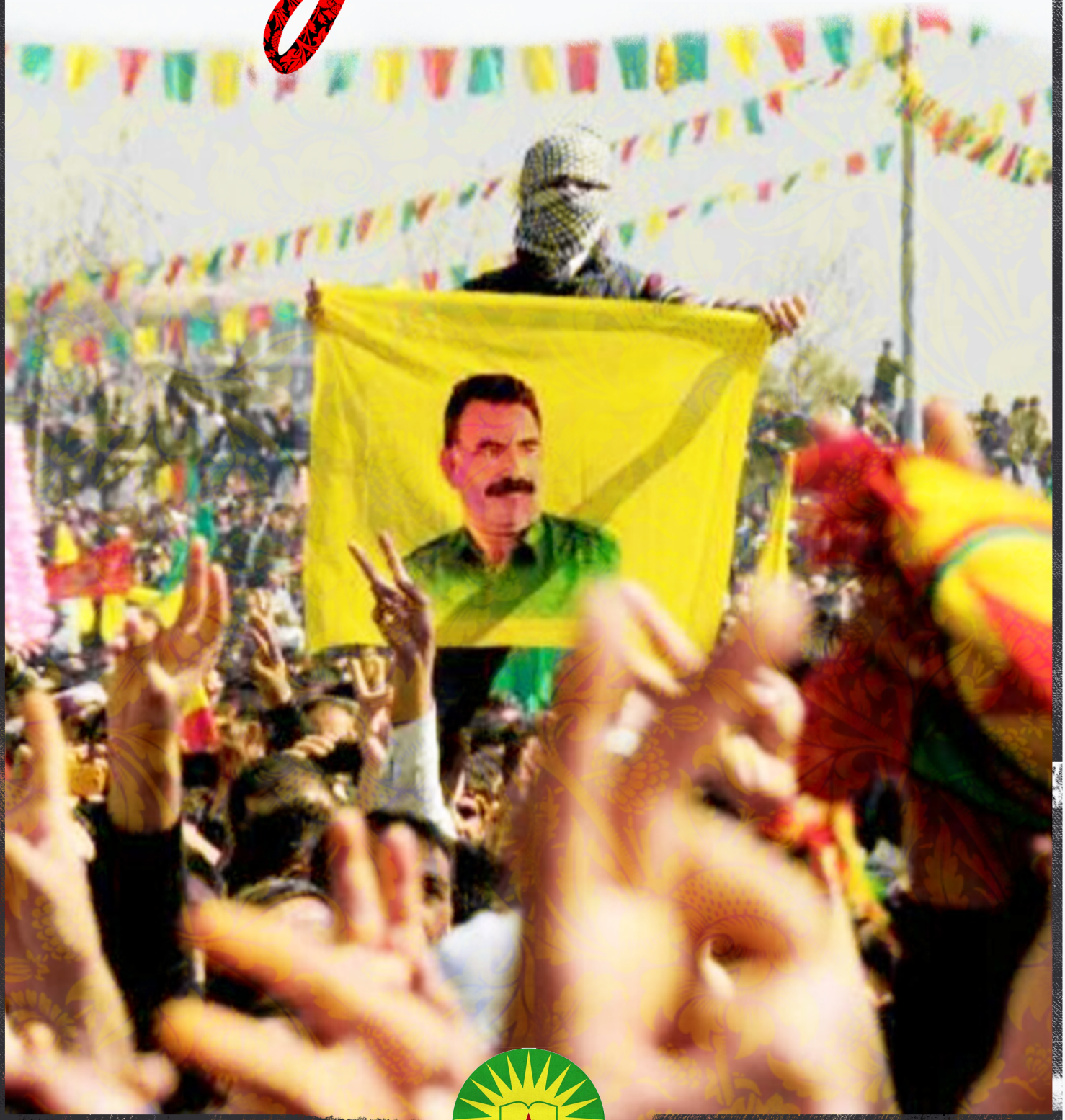


Lêqerîn

n.4



Perspectivas internacionalistas del Abril 2021	4
La cuestión de la libertad por Abdullah Öcalan (sociología de la libertad)	6
Libertad para Öcalan: el presagio de la paz en Oriente Medio	11
Solidaridad con la lucha Kurda ¿sin Öcalan?	13
Las propuestas de Abdullah Öcalan para el desarrollo de la sociedad democrática	16
Economía cooperativa: En el camino hacia la modernidad democrática	21
El camino a Rojava: un camino de regreso a tu propia historia	24
Europeos en Rojava ¿Por qué vamos allí?	28
Kemal Pir Un ejemplo internacionalista en los principios del PKK	32

Editorial

Merhaba hevalno,

Estamos felizes por trazer a vocês a quarta edição de nossa revista internacionalista. Como podem ver, estivemos repensando e reorganizando a “Lêgerîn”. Em primeiro lugar, como vocês devem ter percebido, estamos de cara nova, e esperamos que vocês tenham gostado tanto quanto nós estamos satisfeitos e satisfeitas. Além do design, nossa rede está crescendo constantemente, com mais e mais amigos e amigas somando ao nosso trabalho na “Lêgerîn”. Comissões para tradução e correção foram preparadas para diversas línguas. Qualquer tipo de apoio ou ajuda nesse sentido será bem-vindo. Levando em conta a adição de uma versão alemã da “Lêgerîn”, estamos de braços abertos para falantes da língua que possam se juntar aos nossos grupos de tradução e correção. Falando de maneira concreta, precisamos de amigos e amigas que possam traduzir e corrigir textos em espanhol, inglês, francês, português ou alemão.

Outra parte da “Lêgerîn” que tem crescido significativamente é a voltada às comissões de impressão, organizadas em diversas partes do mundo - especialmente em Aby Yala. Vocês podem encontrar versões físicas da revista no Brasil, em Euskal Heria, México, Costa Rica, Argentina, França, Estados Unidos, e outras localidades ganharão impressões em breve.

Conforme alguns e algumas de vocês já devem saber, temos organizado conferências online com diferentes coletivos ao redor do mundo para conversar a respeito da situação da revolução no Oriente Médio e no Curdistão, e/ou para falas sobre nossas práticas revolucionárias e ideologia. Ficamos muito felizes em participar de eventuais debates que vocês possam organizar em relação à nossa luta pela liberdade.

Sintam-se à vontade para entrar em contato caso deseje organizar algo semelhante em sua região.

Ademais, temos nos juntados às diferentes campanhas de apoio e disseminação da revolução no Curdistão, considerando a ofensiva de primavera realizada pelas redes Riseup4Rojava e WomenDefendRojava. Encorajamos que vocês participem seguindo essas iniciativas nas redes sociais e que trabalhem nas ruas na estruturação das campanhas.

Além disso, convidamos amigos e amigas artistas que possam nos enviar seus trabalhos para que utilizemos e publiquemos em nossas redes sociais e em nossa revista.

Com tudo isso, esperamos que vocês aproveitem a nova edição da “Lêgerîn”. Enviamos saudações e respeito revolucionários!

Serkeftin a todos e todas.



Contato: legerinkovar@protonmail.com

Reddit, Instagram y Twitter: [@RevistaLegerin](https://www.instagram.com/RevistaLegerin)



Perspectivas internacionalistas

abril 2021

Comuna Internacionalista (Rojava, abril 2021)



Na história das revoluções podemos sempre encontrar internacionalistas que permitem que escrevamos sobre internacionalismo hoje com profundidade temporal. A sensação de irmandade, de pertencimento a uma humanidade comum não é algo novo. Os exemplos do século XXI são incontáveis graças à vasta documentação do fenômeno. A Revolução Russa, a Guerra Civil Espanhola, a Revolução Cubana, a Revolução Chinesa, etc, todas demonstram que a solidariedade revolucionária é uma ferramenta para a liberdade dos povos, que é a principal ponte que une os seres humanos.

Mesmo que depois do colapso do socialismo real a fé revolucionária tenha perdido momentum e força, o internacionalismo tem participado mais uma vez na construção e no estabelecimento de uma revolução mundial. A atual situação das experiências revolucionárias no século XXI dá esperanças a todos os revolucionários e a todas as revolucionárias ao redor do globo. A partilha de experiência, o suporte mútuo e a educação revolucionária de cada um e cada uma são alcançados através do que pode ser chamado de internacionalismo moderno.

No presente, internacionalistas podem ser encontrados e encontradas em diversas lutas revolucionárias pelo mundo, em todos os continentes. Em algumas dessas lutas, como aqui no Curdistão, internacionalistas criaram estruturas revolucionárias

que são dedicadas à potencialização dessa força, à construção dessa ponte entre os povos. Enquanto internacionalistas no Curdistão, estamos desenvolvendo as ferramentas que nos permitem espalhar o espírito revolucionário pelo mundo.

Estamos desenvolvendo uma rede que vai além da solidariedade “humanitária”, aproveitando a oportunidade que o movimento curdo e os revolucionários e revolucionárias do Oriente Médio nos ofereceram para melhorar nossas práticas revolucionárias.

É nossa responsabilidade histórica estarmos onde a luta pela liberação da humanidade, a luta para derrubar o sistema capitalista e patriarcal estiver acontecendo. É nosso papel aprendermos e sermos treinados onde a revolução está acontecendo.

Não é uma questão de fechar nossos olhos para outras experiências revolucionárias em progresso, ao contrário, saindo fisicamente dos nossos respectivos países permite que encontremos revolucionários e revolucionárias de todo o mundo, mas acima de tudo, nos dá uma perspectiva nos embates em nossas regiões. Ao longo prazo, cremos que é necessário repensarmos os métodos de coordenação internacionalista pelo mundo e, portanto, amplificar o impacto de nossas experiências individuais afim de torná-las um legado coletivo.

A criação de um movimento internacionalista é o nosso objetivo.

Construir ligações militantes entre movimentos revolucionários é um passo indispensável em direção à abolição do capitalismo. Defender experiências revolucionárias e aprender com elas é a melhor forma de fortalecer nossas lutas e de enfraquecer o sistema. Unidade é força. As experiências dos séculos passados são testemunhas disso. Apesar dos erros e derrotas, os capitalistas nunca tremaram tanto quanto nos dias da Terceira Internacional, da Conferência de Bandung ou da Conferência Tricontinental. Hoje em dia, a criação de ligações e treinamento concretos é a nossa prioridade central.

A luta não acabou

Apesar da narrativa do sistema patriarcal e capitalista, a luta pelo socialismo e pela liberação da humanidade não foi derrotada nem eliminada. Lutas sociais e até mesmo embates armados nunca

foram tão presentes. O fascismo dos estados-nação e os capitalistas estão sendo mantidos em cheque. Os povos em resistência estão cada dia mais numerosos e melhor organizados. Estamos do lado daqueles que resistem.

Recentemente, no Curdistão, a resistência nas montanhas livres da região do Garê resultou no fracasso do fascismo Turco e seus planos coloniais neo-otomanos. A vitória se fez presente para os revolucionários e as revolucionárias que desenvolveram uma prática de resistência efetiva. O PKK através de suas forças de guerrilha das HPG e das YJA-Star demonstrou mais uma vez que o fascismo é humano e, portanto, pode ser derrotado. No entanto, a vitória em Garê não é um êxito final e a resistência precisa continuar. As ameaças do fascismo estatal da união entre AKP (Partido da Justiça e do Desenvolvimento) e MHP (Partido do Movimento Nacionalista) ainda permanecem vivas, e a pressão está aumentando em Shengal e ao nordeste da Síria (Rojava). A resistência lá está organizada tal como em Garê. A guerra revolucionária do povo está sendo estabelecida, e a população está se preparando para defender sua tão duramente conquistada liberdade.

Em paralelo, nós internacionalistas partimos para a ofensiva.

Através da campanha RiseUp4Rojava participamos da “ofensiva de Primavera” para denunciar e sabotar a máquina de guerra do ditador Erdogan e seu governo fascista. E continuaremos a prevenir por todos os meios necessários o colonialismo neo-otomano turco de alcançar seus objetivos. Junte-se à luta contra o fascismo turco, conecte-se com a rede RiseUp4Rojava e/ou WomenDefendRojava e crie seu próprio comitê regional! Tome atitude!

Também não podemos defender Rojava e a revolução no Curdistão sem falarmos sobre e sem defendermos Abdullah Öcalan. Aqueles e aquelas que escolhem ignorar o papel do Reber Apo e do PKK na revolução no Curdistão estão cometendo um grave erro manchado pelo orientalismo e pelo racismo. Eles e elas perdem o mais importante legado dessa luta histórica pelos revolucionários e pelas revolucionárias. Sem Öcalan e o PKK simplesmente não haveria revolução no Curdistão. São seus objetivos de vida, suas filosofias e suas lutas que geraram a revolução que hoje inspiram milhões de pessoas ao redor do mundo. É necessário estudar seu pensamento e sua vida para começar a superar os reflexos eurocêntricos e pequeno-burgueses que empurram os ocidentais a considerarem apenas aquilo que melhor lhes cabe nas lutas de liberação

estrangeiras.

Öcalan dedicou sua vida inteira à luta. Por seu compromisso e à ameaça que representa ao sistema capitalista hegemônico, ele se tornou alvo de uma conspiração internacional que levou ao seu aprisionamento pelos serviços secretos estadunidense e israelense que, então, lhes entregaram ao regime fascista turco. Por suas ideias foi sentenciado à morte e tem sido mantido em confinamento solitário por mais de vinte e dois anos na ilha prisional de Imrali. Seu status enquanto prisioneiro político faz com que seja um símbolo para todos e todas que lutam pela democracia pelo mundo inteiro.

Vinte e dois anos de tortura pelo estado colonial turco por reivindicar o direito do povo curdo de existir. Vinte e dois anos de tortura pela ousadia de pensar e organiza uma alternativa ao sistema capitalista.

Vinte e dois anos de tortura pelo estado colonial turco por reivindicar o direito do povo curdo de existir.

Vinte e dois anos de tortura pela ousadia de pensar e organiza uma alternativa ao sistema capitalista.

Mais que nunca exigimos sua libertação imediata.

Revolução não é um passeio no parque, não é um hobby. Revolucionários e revolucionárias de todos os tipos devem ser conscientes de suas responsabilidades e de suas tarefas. Temos de superar as contradições da modernidade capitalista, temos não só de ser oposição ao sistema, mas acima de tudo, aqueles e aquelas que trazem soluções.

Nosso papel é o de desenvolver a alternativa, de construir a vida revolucionária. Para isso é necessário que estudemos e pratiquemos a vida revolucionária. Não é

segredo que é impossível desenvolver uma personalidade livre e, portanto, ter uma vida revolucionária de dentro do sistema patriarcal e capitalista. Não podemos libertar a sociedade sem que libertemos a nós mesmos e a nós mesmas. É essencial que quebrems com a rotina imposta pelo sistema às nossas vidas, essencial que quebrems com a sociabilidade capitalistas.

Camaradas, saiam de suas rotinas, saiam do sistema. É tempo de viver, é tempo de resistir. O mundo está esperando por você, a história da libertação não será escrita sem você.

Junte-se à revolução agora!

A todos e todas vocês, saudações e respeito revolucionários.

Comuna Internacionalista (Rojava, abril 2021).



A Questão da Liberdade

Abdullah Öcalan

“Sociologia da liberdade”

Tenho quase vontade de dizer que a liberdade é o objetivo do universo. Pergunto-me muitas vezes se o universo não está, na verdade, em busca da liberdade. A formulação da liberdade como uma busca profunda única da sociedade humana sempre me pareceu incompleta e pensei que deveria haver definitivamente um aspeto relacionado com o universo. Quando penso na dualidade partícula-energia que é o fundamento do universo, enfatizo sem hesitação que a energia é liberdade. Eu acredito que a partícula material é um pacote aprisionado de energia. A luz é um estado de energia. Podemos negar o quão livremente a luz pode fluir? Se os quanta são definidos como as menores partículas de energia, então devemos também concordar que agora eles são vistos para explicar quase toda a diversidade. Sim, o movimento quântico é o poder criativo de toda a diversidade. Não resisto a questionar se será este o Deus que a humanidade sempre procurou. Quando dizem que o supra-universo é de caráter quântico, eu fico novamente animado e sinto que poderia muito bem ser. Mais uma vez, como disse há pouco, não consigo deixar de me questionar se isto é aquilo que tem sido chamado de “a criatividade externa de Deus”.

Acho importante não se ser egoísta em relação à liberdade e não cair no reducionismo que restringe a liberdade aos humanos. É possível negar que o esvoaçar do pássaro numa gaiola é um esvoaçar pela liberdade? Que outro conceito poderia explicar o esvoaçar de um rouxinol enjaulado, mais bonito que qualquer sinfonia, senão o desejo de liberdade? Se dermos um passo adiante, todos os sons e cores do universo não nos fazem pensar em liberdade? A luta das mulheres, as primeiras e as últimas escravas, que experienciaram a escravidão mais profunda da sociedade humana, pode ser explicada por outra coisa que não a sua busca pela liberdade? Quando um filósofo brilhante da Sociologia da Liberdade como Spinoza interpreta a liberdade como uma saída da ignorância e como o poder do intelecto, não está também a dizer a mesma coisa?

Não quero sufocar o problema em detalhes infinitos, nem quero retratar a situação como uma condenação à nascença. Além de algumas linhas que escrevi em memória de Prometeu, nunca tentei escrever um poema, que de certa forma é também uma busca pela liberdade, mesmo que tenha apenas um significado imaginário. No entanto, existe alguma negação de que estou apaixonadamente à procura do significado da liberdade?

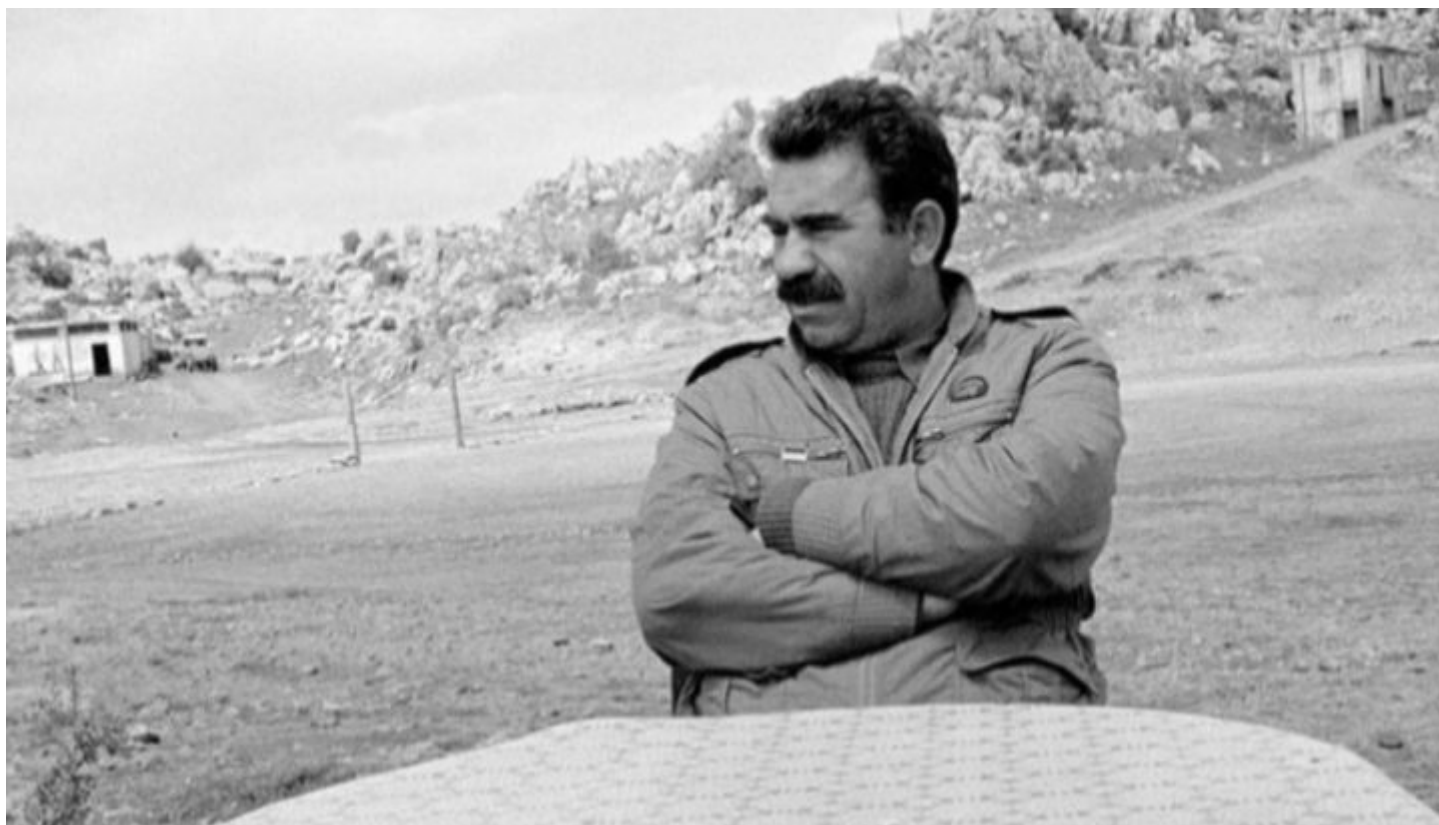
À medida que problematizamos a liberdade social, esta breve introdução pretende chamar a atenção para a profundidade da questão. Definir a sociedade como a natureza com a inteligência mais desenvolvida e concentrada também contribui para a análise da liberdade. As áreas onde a inteligência está concentrada são áreas sensíveis à liberdade. É justo dizer que quanto mais desenvolvida a inteligência, a cultura e a razão de uma sociedade, mais ela se inclinará para a liberdade. Mas também é verdade dizer que quanto mais uma sociedade se priva ou foi privada desses valores, mais ela é escravizada. Quando penso na tribo dos hebreus, vêm-me sempre à mente duas características e estratégias de sobrevivência. A primeira é uma relação especial para ganhar dinheiro. Os judeus buscaram influência financeira em certos momentos e por vezes alcançaram a supremacia mundial. Este é o lado material. Porém, acho mais importante que eles dominem o segundo, ou seja, a arte da influência no campo intelectual, ainda melhor. Os judeus alcançaram uma posição intelectual e cultural notável, primeiro com os seus profetas e depois com seus escribas, depois na modernidade capitalista com os seus filósofos, académicos e artistas, com raízes que remontam quase tão longe quanto a história escrita. É por isso que proponho a hipótese de que nenhuma outra tribo é tão rica e livre quanto os hebreus. Alguns exemplos da situação dos judeus nos últimos tempos confirmarão isto. Muitas pessoas influentes no campo do capital financeiro, que domina a economia global, têm raízes hebraicas e são, portanto, judias. Se mencionarmos nomes como Spinoza no surgimento da filosofia contemporânea, Marx na sociologia, Freud

na psicologia e Einstein na física e adicionarmos centenas de teóricos das artes, da ciência e da teoria política, teremos uma impressão suficiente da força intelectual judaica. É possível negar o domínio dos judeus no mundo do intelecto?

Mas também existe o outro lado da moeda, os Outros do mundo. A riqueza material e imaterial, o poder e o domínio de um lado são realizados à custa da pobreza e da fraqueza dos Outros, assim como da sua transformação em rebanho. Portanto, a famosa declaração de Marx sobre o proletariado: “Se o proletariado se quer libertar, não tem escolha a não ser libertar toda a sociedade” também se aplica aos judeus, quase como se Marx tivesse pensado neles quando o formulou. Se os judeus querem garantir as suas liberdades - isto é, a sua riqueza, inteligência e poder de compreensão, não têm escolha a não ser enriquecer e fortalecer imaterialmente a sociedade mundial de maneira semelhante. Caso contrário, podem ser perseguidos por novos Hitlers a qualquer momento. Neste sentido, a libertação dos judeus só é possível se estiver entrelaçada com a libertação e a liberdade da sociedade mundial. Não deve haver dúvida de que esta é a tarefa mais nobre dos judeus, que já alcançaram muito pela humanidade. Podemos também aprender com o terrível genocídio dos judeus que a riqueza e o prestígio imaterial baseados na pobreza e na ignorância dos outros não contribuem com nenhum valor real para a liberdade. A liberdade num sentido verdadeiro é a transcendência da distinção entre nós e os outros, que se caracteriza por estar disponível para ser compartilhada por todos.

Quando avaliamos o sistema da civilização central com base na liberdade, vemos que há uma escravidão cada vez mais multifacetada. A escravidão é sustentada principalmente de três maneiras. Primeiro, a escravidão ideológica é construída. A construção de deuses mitológicos assustadores e dominadores é muito impressionante e fácil de entender, especialmente na sociedade suméria. O andar superior do zigurate é considerado a localização dos deuses que dominam a mente. Os andares intermediários são a sede da administração política dos sacerdotes. Já o andar de baixo é o andar dos artesãos e trabalhadores agrícolas responsáveis por todos os aspectos da produção. Este modelo não mudou de forma significativa até hoje, na verdade, expandiu-se e espalhou-se amplamente. Esta narrativa de cinco mil anos do sistema de civilização central fornece o conceito histórico que mais se aproxima da verdade; mais precisamente, é a realidade observada empiricamente. Analisar o zigurate equivale a analisar corretamente o sistema de civilização central e, portanto, o atual sistema mundial capitalista. De um lado da moeda está o desenvolvimento contínuo e cumulativo de capital e poder, enquanto, do outro, encontramos uma terrível escravidão, fome, pobreza e comportamento de rebanho.

Isto pode-nos ajudar a entender melhor a profundidade da questão da liberdade. O sistema da civilização central não pode sobreviver e manter-se sem privar gradualmente a sociedade da sua liberdade e garantir que a sociedade se comporta como um



rebanho. A solução dentro da lógica do sistema é criar mais aparatos de capital e poder. Isto, por sua vez, significa que a sociedade ficará ainda mais empobrecida e convertida em rebanho. O facto de a questão da liberdade ter crescido a ponto de se tornar a questão fundamental enfrentada por todas as épocas é o resultado da natureza dicotómica do sistema. Usámos o exemplo da tribo judaica, porque é altamente instrutivo. Examinar a liberdade e a escravidão do ponto de vista da história judaica não é menos importante agora do que era no passado.

Também podemos entender melhor o debate tradicional sobre se o dinheiro ou a consciência proporcionam mais liberdade à luz desta narrativa. Enquanto o dinheiro for um instrumento de acumulação de capital, de usurpar o produto excedente e a mais-valia, será sempre um instrumento de escravidão. O facto de até mesmo convidar o massacre dos seus donos mostra-nos que o dinheiro não pode ser um instrumento confiável para alcançar a liberdade. O dinheiro desempenha o papel da partícula de matéria, o oposto da energia.

Neste sentido, a consciência está sempre mais próxima da liberdade. A consciência da realidade sempre expande os horizontes da liberdade. É por isso que a consciência é sempre descrita como o fluxo de energia. Definir liberdade como pluralização, diversificação e diferenciação no universo tornará mais fácil explicar a moralidade social. Pluralização, diversificação e diferenciação, mesmo que apenas implicitamente, sugerem a capacidade inerente de um ser inteligente fazer escolhas. As pesquisas científicas confirmam que as plantas possuem uma inteligência que as leva a diversificarem-se. Os humanos ainda não conseguiram replicar as formações de uma célula viva em laboratório. Talvez não possamos falar sobre inteligência universal (Geist) como Hegel fez, mas, ainda assim, não pode ser julgado como um total absurdo falar sobre um ser semelhante à inteligência no universo. Não podemos explicar a diferenciação de outra forma senão como o resultado da existência de inteligência. A pluralização e a diversificação evocam liberdade por causa das centelhas de inteligência que as sustentam. Tanto quanto sabemos, o ser humano pode ser definido como o ser mais inteligente do universo. Mas como é que o ser humano atingiu esta inteligência? Eu já havia definido cientificamente o humano (física, biológica, psicológica e sociologicamente) como um epítome da história universal. Aqui, definimos ainda mais o ser humano como a acumulação de inteligência universal. É também por isso que o ser humano é apresentado como modelo do universo em várias escolas filosóficas de pensamento.

O nível de inteligência e flexibilidade na sociedade humana é a verdadeira base da construção social. Neste sentido, também é apropriado definir a liberdade como a força da construção social, ou aquilo a que se chamou de atitude moral desde as primeiras comunidades humanas. A moralidade social só é possível com liberdade. Mais precisamente, a liberdade é a fonte da moralidade. A moralidade pode ser definida como o estado de liberdade solidificado, a tradição de liberdade ou o código da liberdade. Se a escolha moral é baseada na liberdade, quando a ligação entre liberdade e inteligência, consciência e razão é levada em consideração, fica claro porque é que a moralidade pode ser chamada de consciência coletiva (consciência) da sociedade. Chamar à moralidade teórica de ética só tem sentido neste contexto. Não podemos falar de uma ética que não se baseie na moralidade da sociedade. Sem dúvida, uma filosofia moral mais competente, isto é, a ética, poderia ser derivada de experiências morais, mas não pode haver ética artificial. Immanuel Kant refletiu muito sobre o assunto e faz sentido que ele se referisse à razão prática como ética. A interpretação de Kant da moralidade como a escolha e possibilidade de liberdade permanece válida hoje.

A conexão entre política social e liberdade também é evidente. A esfera política é a área-chave onde mentes clarividentes colidem intensamente, mais se concentram e esforçam-se para obter resultados. De certa forma, também é possível definir esta área como o espaço onde os sujeitos participantes se libertam através da arte da política. Qualquer sociedade que não promova e desenvolva políticas sociais precisa de entender que isto vai repercutir contra si como uma privação de liberdade e terá que pagar o preço. É neste sentido que surge a supremacia da arte da política. Qualquer sociedade que falhe em desenvolver a sua política (clã, tribo, nação, classe e até mesmo aparatos de poder e de estado) está condenada ao fracasso. Na verdade, não ser capaz de desenvolver política significa não conhecer a sua própria consciência, interesses vitais e identidade. Não pode haver maior fracasso ou perda para nenhuma sociedade. Somente quando defendem os seus próprios interesses, identidade e consciência coletiva - em outras palavras, quando estão engajados na luta política - pode-se dizer que tais sociedades exigem liberdade. Exigir liberdade na ausência de política é um erro catastrófico.

Para não distorcer a relação entre política e liberdade, é necessário determinar cuidadosamente como elas diferem da política (ou, melhor, da falta de política) do poder e do Estado e distingui-los claramente deste. Os aparatos de poder e de Estado podem ter estratégias e táticas, mas, no verdadeiro senti-

do, não têm política. Em qualquer caso, o poder e o Estado só passam a existir quando a negação da política social é garantida. Onde quer que a política chega ao fim, as estruturas de poder e de Estado estão em ação. O poder e o Estado são o ponto onde termina a palavra política e, portanto, a liberdade. Há apenas o lidar com a situação, obedecer, dar e receber ordens; há leis e estatutos. Todo poder e todos os Estados representam a razão congelada. Tanto a sua força quanto a sua fraqueza surgem desta qualidade. Consequentemente, as esferas de poder e do Estado não são áreas onde a liberdade pode ser procurada ou encontrada. A declaração de Hegel de que o Estado é a verdadeira esfera de liberdade forma a base de todas as visões e estruturas opressivas da modernidade. O fascismo de Hitler é um bom exemplo de onde esta visão pode levar. Na verdade, mesmo o socialismo científico, com Marx e Engels como seus mentores, concebe o poder e o Estado como meios fundamentais para a construção socialista. Isto levou-os a - sem saber - dar golpes extremos à liberdade e, portanto, à igualdade. Os liberais entenderam a verdade por trás de “quanto mais Estado, menos liberdade” muito melhor, e devem o seu sucesso a isso.

Devido à sua natureza, os governantes e o Estado enquanto instrumentos de dominação não significam nada além do produto excedente e dos valores excedentes apropriados através da coerção, isto é, uma variedade diferente de capital total. O capital cria o Estado e o Estado cria o capital. O mesmo se aplica a qualquer tipo de aparelho elétrico. Tal como a política social gera liberdade, o poder e o Estado são esferas onde a liberdade se perde. O poder e as estruturas do Estado podem talvez tornar alguns indivíduos, grupos e nações mais ricos e livres, mas, como vimos com o exemplo dos judeus, isto só é possível à custa da pobreza e da escravidão em outras sociedades. O resultado tem sido todos os tipos de destruição, desde guerras até ao genocídio. No sistema mundial capitalista, a política sofreu a sua maior perda. É possível falar sobre a morte real da política na fase da modernidade capitalista, que é o auge do sistema da civilização central. Portanto, hoje vivemos um declínio político de proporções incomparáveis. Enquanto o declínio da moralidade como área de liberdade é um fenómeno dos nossos tempos, o mesmo ocorre com o declínio da esfera política. É por isto que, se queremos liberdade, não temos outra escolha a não ser usar todo o nosso poder intelectual para encontrar maneiras de restaurar e funcionalizar a moralidade - a consciência coletiva da sociedade - e a política - a razão comum - em todos os seus aspectos.

A relação entre liberdade e democracia é ainda

mais complicada. Há um debate constante sobre qual emerge de qual. Podemos dizer com segurança que a intensidade da relação significa que cuidam uma da outra. Tal como pensamos a política social no contexto da liberdade, também a podemos associar à democracia. A política social é mais concreta como política democrática. Como tal, a política democrática pode ser definida como a verdadeira arte da liberdade. Sem política democrática, nem a politização nem a liberdade por meios políticos são possíveis para a sociedade em geral, nem para os povos e comunidades em particular. A política democrática é a verdadeira escola na qual a liberdade é aprendida e vivida. Quanto mais o trabalho político cria sujeitos democráticos, mais a política democrática politizará a sociedade, levando, em última instância, à liberdade. Se aceitarmos a politização como a principal forma de liberdade, devemos entender que libertamos a sociedade politizando-a e, ao mesmo tempo, politizamos a sociedade à medida que a libertamos. Existem, é claro, muitas esferas sociais que nutrem a liberdade e a política, mais particularmente várias fontes ideológicas, mas basicamente a política social e a liberdade produzem-se e nutrem-se mutuamente.

Em geral, a relação entre igualdade e liberdade é confusa. A relação entre os dois é pelo menos tão complicada e problemática quanto as suas respectivas relações com a democracia. Notamos que quando a igualdade completa é alcançada, o custo é pago em liberdade. Costuma-se sugerir que estas não podem coexistir e que é necessário fazer concessões numa área ou noutra. Alguns argumentam que as concessões na área da igualdade são necessárias para se alcançar a liberdade.

É necessário explicar a diferença entre os dois conceitos e, portanto, a diferença na natureza destes fenómenos, se quisermos resolver o problema corretamente. A igualdade é mais um conceito jurídico. Prevê que indivíduos e comunidades compartilhem os mesmos direitos, independentemente das suas diferenças. No entanto, a diversidade não é apenas uma característica fundamental do universo, mas também da sociedade. A diversidade é um conceito fechado a direitos uniformes. A igualdade só pode ser significativa quando se baseia nas diferenças. A principal razão pela qual a compreensão socialista da igualdade não ganhou espaço foi porque não tomou a diversidade em consideração, o que contribuiu muito para a sua queda final.

Verdadeira justiça só é possível com uma compreensão da igualdade na diversidade.

Quando entendermos que a liberdade é altamente dependente da diversidade, então uma conexão significativa entre igualdade e liberdade pode ser estabelecida no contexto da diversidade. Conciliar liberdade com igualdade é um dos principais objetivos da política social.

Precisamos de tocar na discussão entre os defensores da liberdade individual e os defensores da liberdade coletiva. Precisamos de explicar a relação entre estas duas categorias, definidas por alguns como liberdade negativa e liberdade positiva. A modernidade capitalista promoveu a liberdade individual (negativa) com grande custo para a coletividade social. É preciso enfatizar que hoje a liberdade individual causa o declínio das políticas sociais tanto quanto o fenómeno do poder. A questão crucial numa discussão sobre liberdade é esclarecer o papel do individualismo na destruição da sociedade, particularmente na negação da moralidade e da política. Quando dizemos que uma sociedade atomizada pelo individualismo não tem força para resistir aos aparatos do capital e do poder, talvez possamos compreender melhor a ameaça cancerígena que isto representa para o problema social. Identificar o individualismo liberal como a principal causa do declínio da política social e da liberdade poderia fornecer uma saída significativa. Claro, não estamos a falar sobre individualidade ou a necessidade de ser um indivíduo.

O que estamos a discutir é o papel da idealização ideológica do individualismo e do liberalismo que consome a política social e a liberdade.

Já discutimos a liberdade coletiva. Devemos enfatizar que a própria liberdade, como o individualismo, requer que cada comunidade (incluindo tribos, povos, nações, classes, grupos ocupacionais, etc.) defina a sua identidade, represente os seus interesses e tome medidas para garantir a sua segurança. Esta é a única maneira de a liberdade ter sentido. Se a liberdade individual e coletiva puder ser reconciliada desta forma, poderemos falar sobre uma ordem social bem-sucedida e totalmente livre. Embora definidos como se fossem opostos, a experiência do século XX mostrou-nos que há uma forte semelhança entre a liberdade individualista promovida pelo liberalismo e a liberdade coletivista promovida pelo socialismo real. Ambos são opções liberais. Quando vemos como os jogos do estatismo e da privatização são disputados por estas duas forças, as questões que estamos a tratar aqui ficam mais claras.

A sociedade democrática fornece o terreno mais favorável para harmonizar as liberdades individuais e coletivas, algo que se tornou particularmente claro após os modelos individualista (liberalismo selvagem) e coletivista (socialismo faraó), que trouxeram uma terrível destruição no século XX. Indiscutivelmente, a sociedade democrática é o regime sociopolítico mais apropriado tanto para encontrar um equilíbrio entre as liberdades individuais e coletivas quanto para alcançar uma compreensão da igualdade na diversidade.





Liberdade para Öcalan:

A Motivação da Paz no Oriente Médio

International Initiative | Domingo, 14 Fevereiro, 2021

Declaração sobre o 22º aniversário do rapto de Abdullah Öcalan

STATEMENTPRISON#FREEÖCALANFREETHEMALLABDULLAH ÖCALAN

A indignação com o sequestro de Abdullah Öcalan em Nairóbi, Quênia, em 1999, foi o momento fundamental para a International Initiative “Liberdade para Abdullah Öcalan - Paz no Curdistão”, que continua a fazer campanha e a informar o público. A cada ano, a indignação com o sequestro de Öcalan e a demanda pela sua liberdade aumentam, unindo pessoas por todos os continentes.

Vinte e dois anos depois de Öcalan ter sido sequestrado e entregue à Turquia, onde foi posteriormente condenado à morte num julgamento-espetáculo, uma das pessoas que tornou tudo isso possível está no auge da sua carreira: Antony Blinken.

No momento do sequestro de Öcalan, Blinken era conselheiro especial de segurança nacional do presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton. Embora o seu papel exato seja desconhecido, em 2002, ele revelou na televisão turca que foram os Estados Unidos que entregaram Öcalan à Turquia. Öcalan e o Movimento pela Liberdade Curda deixaram claro que o seu sequestro era parte de uma “conspiração internacional”, cujo objetivo era remover um importante obstáculo à política de intervenções militares dos Estados Unidos e dos seus aliados no Oriente Médio. Hoje é um bom dia para vermos o que envolveu este enredo e o que resultou dele.

O Resultado do Rapto

Todos nós sabemos o que se seguiu: uma série de invasões e guerras que ajudaram a dividir ainda mais as sociedades já dominadas pela crise e colocaram os povos do Oriente Médio uns contra os outros. Isso culminou nos ataques genocidas do Estado Islâmico. O ISIS foi em grande parte um produto dessas políticas intervencionistas. Portanto, esse conluio não era apenas dirigido contra Öcalan e os curdos, mas contra toda a região e os seus povos.

Öcalan, por outro lado, alertou repetidamente sobre os perigos inerentes a esta situação e apresentou sugestões e projetos para superar as divisões nacionais e religiosas e criar um novo Oriente Médio baseado na democracia, em vez do naciona-

lismo secular ou religioso. Ele chamou o seu esforço como um projeto para “frustrar a trama internacional”.

Öcalan tem trabalhado consistentemente contra essa trama, e todos os anos, no dia 15 de fevereiro, curdos de todo o mundo nos recordam que essa parte do complô falhou. Hoje, os curdos lideram o esforço para reunir os povos da região em torno de um modelo inclusivo de autodeterminação. Os resultados disso têm mais visibilidade no nordeste da Síria, uma área governada democraticamente que é um farol de esperança para toda a região.

Os EUA, por outro lado, seguiram com o seu objetivo de remodelar o Oriente Médio de acordo com as suas necessidades, militarmente e através de outras formas de intervenção. Talvez seja nada mais do que um capricho do destino que Antony Blinken, um dos arquitetos do intervencionismo, cujo papel remonta ao governo Clinton, agora tenha de lidar com alguns dos resultados desastrosos dessas intervenções.

Enquanto isso, Öcalan aprofundou o seu projeto de paz e democracia. Com os seus escritos da prisão e as suas intervenções políticas, ele tornou-se um dos pensadores e interlocutores mais originais e influentes do século XXI. Além disso, a revolução em Rojava, extremamente inspirada pelos escritos da prisão de Öcalan, mostra ao mundo o que é o projeto do Movimento pela Liberdade Curda: coexistência pacífica, resolução dos conflitos entre os povos e nações do Oriente Médio e a liberdade das mulheres.

Inspiração

O antropólogo David Graeber, um dos grandes pensadores que perdemos no ano passado, enfatizou essa dimensão com um texto sobre a busca da verdade de Öcalan: “É difícil encontrar outro teórico dos últimos cinquenta anos que tenha agarrado em ideias filosóficas e científicas sociais e as adotou de tal forma que foi capaz de inspirar milhões de pessoas a tentarem tratar-se entre elas de maneira diferente.” (Construindo uma vida livre: Diálogos com Öcalan, 2019)

Os EUA, Turquia, Rússia, Israel, a UE - todos eles queriam silenciar Öcalan. Eles não foram bem sucedidos. Instituições de direitos humanos como o Conselho da Europa e a Amnistia Internacional foram cúmplices nisso. Eles estavam preocupados apenas com a pena de morte e nem mesmo conseguiram suspendê-la de maneira adequada. A pena de morte foi simplesmente substituída por uma “sentença de prisão perpétua agravada”, que visa garantir que Öcalan seja mantido incomunicável “até a morte” numa prisão na ilha de İmralı. Ainda assim, eles não foram bem sucedidos. Os povos do Oriente Médio não foram incitados uns contra os outros, pelo menos não como consequência do rapto de Öcalan. Os escritos da prisão de Öcalan foram publicados e, como David Graeber corretamente comentou, continuam a inspirar milhões. Um espírito tão grande quanto o de Öcalan não pode ser confinado pelas paredes da prisão.

O papel do CPT

O Comitê para a Prevenção da Tortura (CPT) tem visitado com frequência a Ilha İmralı e feito inúmeras recomendações, que são rotineiramente ignoradas pelas autoridades turcas. No entanto, ao continuar o seu chamado “diálogo” com o Estado turco, o CPT fornece um verniz de legitimidade para as violações em curso dos direitos humanos básicos dos prisioneiros na Ilha de İmralı. Embora o CPT se tenha revelado incapaz de melhorar a situação, que acertadamente denuncia como inaceitável, o resto do Conselho ou da Europa apontam constantemente à forma como o CPT está a lidar com a situação. Isso, por sua vez, permite uma desculpa para a situação não ser enfrentada de outra forma.

É por isso que, depois de apenas um ano, outros presos políticos e ativistas iniciaram novamente greves de fome. Há quase três meses, tem havido greves de fome rotativas nas prisões turcas e noutros lugares para protestar contra o isolamento de Öcalan e exigir a sua liberdade. Ao mesmo tempo, existiram inúmeras manifestações em todo o mundo como parte da campanha em andamento “Chegou a hora: Liberdade para Öcalan!”

Antony Blinken disse recentemente que pensou muito sobre as decisões anteriores em países como a Síria. Ainda temos que ver o resultado do seu pensamento. Será que os EUA e a OTAN deixarão de apoiar os ataques genocidas da Turquia e respeitarão a escolha das mulheres e dos povos do Oriente Médio - o confederalismo democrático de Öcalan?

Öcalan e a sua liberdade são indispensáveis para a paz e a democracia no Oriente Médio.

Aqueles que abertamente ou secretamente apóiam os esforços de guerra turcos, excluem Öcalan, ou deliberadamente ignoram as condições atrozes nas quais ele é mantido estão diretamente a opôr-se à paz. É tão simples quanto isso. Apelamos a todos para que se juntem a nós na nossa luta pela liberdade de Abdullah Öcalan, já que a sua liberdade seria o prenúncio da paz no Curdistão e no Oriente Médio.

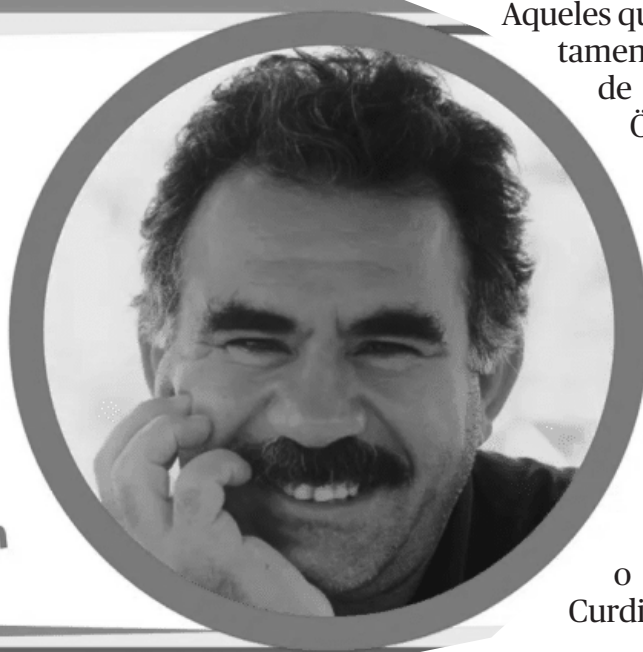
International Initiative

“Liberdade para Abdullah Öcalan – Paz no Curdistão”

Free Öcalan

Ազատութիւնն Եօթալաւի Տօբօճալանու Տօբօճալանու
Öcalan askatu آزادی برای اوچالان Libertà per Öcalan
厄買蘭的自由 Libérez Öcalan ओजलन के लिये आजादी
Frankiz evit Öcalan ئازادی بۆ ئۆچالان
Libertate lui Öcalan オジ Freiheit für Öcalan
לשחרור את אודשלאן Ocalani oxuşk'vit
Vapoutta Öcalanille ヤラン
Khululanu u Öcalan ئازادى بۆ ئۆچالان
Vrijheid voor Öcalan に Frihet för Öcalan
Libertad para Öcalan Öcalan'a Özgürlük
Scaoileadh saor Öcalan الحرية لاوچالان
Liberdade para Öcalan 自由を Libertat per a Öcalan
¡Kachariychik Öcalanta!
Ελευθερία στον Οτσαλάν ओजलन ला मुक्ति द्या

Azadî ji bo Öcalan





Solidariedade com a luta curda ... sem Öcalan?

Por Sozdar Koçer

Com o recente aumento da visibilidade do movimento de libertação curdo, inúmeros painéis, conversas e manifestações sobre o movimento curdo foram organizados nos últimos anos. Muitas palestras e manifestações apresentaram o conceito de Confederalismo Democrático com todas as suas experiências e exemplos práticos para públicos diferentes. Estes incluem, por exemplo, as estruturas de autogoverno de Bakur (norte do Curdistão / sudeste da Turquia), que foram implementadas pela população desde 2005 e que foram sistematicamente e continuamente destruídas pelo regime turco através da repressão e prisão da sociedade civil, ativistas, estudantes e políticos eleitos. O mesmo aplica-se às conquistas do Campo Mexmûr no sul do Curdistão (norte do Iraque), um campo de refugiados que funciona de maneira autónoma há mais de 20 anos e do qual poucas pessoas conhecem, ou a revolução das mulheres em Rojava e a Federação do Norte e Leste da Síria, que está constantemente sob ataques ideológicos de todos os lados, enquanto enfrenta ataques militares do exército ocupante do Estado turco. Além disso, muitos debates têm sido realizados sobre as atitudes dos membros da NATO e das suas políticas hipócritas para com as comunidades e pela implementação do direito internacional na região do Médio Oriente, como que dizendo: “Contanto que os direitos eurocêntricos dos nossos cidadãos não sejam prejudicados, não vemos razão para defender os direitos humanos a uma escala global.” Da mesma forma, as pessoas tornaram-se mais conscientes da criminalização e repressão na Europa que afeta todos aqueles que são solidários com o movimento de libertação curdo.

Por outras palavras, a maioria de nós está familiarizada com os espaços em que tais conquistas e exemplos positivos de alternativas estão a ser discutidos. Todas nós conhecemos pessoas que se identificam com estas ideias. E, no entanto, a pessoa mais importante enquanto visionário

destas implementações, Abdullah Öcalan, está muitas vezes a ser contornado.

Um ataque a todos os níveis

O movimento curdo está a ser atacado a todos os níveis, político, social, militar e ideológico. Nos círculos em que atuamos, as pessoas estão conscientes da repressão estatal contra o movimento na Europa. A esquerda radical, grupos autónomos e todos os outros grupos autodefinidos estão lado a lado com o movimento curdo, sempre que as imagens e bandeiras do YPG / YPJ, do PYD ou da camarada revolucionária Sara (Sakine Cansiz) são proibidas. Enfrentar a repressão de forma comunitária constitui uma postura forte.

Mas e quanto às atitudes frequentemente expressas assim que o representante do movimento curdo, Abdullah Öcalan, é mencionado durante conversas e eventos semelhantes? Ou a tendência de entoar

outros slogans, assim que as mulheres curdas comecem a entoar o slogan proibido “Bijî Serok Apo” - Viva o líder Apo - [apelido de Abdullah Öcalan] durante as manifestações? E os olhares inseguros e o silêncio nas próprias fileiras? Por que é que estão a ser feitos esforços para lutar contra a proibição dessas bandeiras, mas nada é feito por Öcalan? Não estão estes aspectos relacionados? Onde e porquê traçamos a linha?

Culto à liderança culturalmente condicionado?

Ativistas do movimento de mulheres curdo são frequentemente confrontadas com críticas, por exemplo, ao fazer referência a Abdullah Öcalan nas suas palestras, quando agitando as bandeiras durante manifestações do 8 de março, dia Internacional das Mulheres, ou ao exibir as suas imagens nos seus espaços e em eventos. É impossível escapar da pergunta “Libertação das mulheres, boa, mas quão criticamente tu veem o culto da liderança ou o facto de que glorificam um homem desde uma perspectiva feminista ?!”

Este tipo de expressões expõe perspectivas e pensamentos feministas eurocêntricos comuns em relação ao movimento das mulheres curdas. Crucialmente, tais afirmações brancas e eurocêntricas negam a agência das mulheres curdas e do movimento de mulheres curdas que têm lutado contra as estruturas retrógradas, sexistas e patriarcais durante décadas, nomeadamente, por exemplo, acusando-as de ignorância sobre a “liderança de culto” em torno do homem dominante. Aparentemente, o “outro”, ou seja, as mulheres não brancas, principalmente oriundas do Médio Oriente, têm uma tendência inerente a se renderem ao domínio masculino!

A referência ao próprio contexto histórico e perspectiva é frequentemente usada pelas pessoas como um padrão para todas as outras lutas. Assim, a história nazi e o culto à liderança fascista são aplicados sem crítica como uma medida para avaliar Abdullah Öcalan. Ninguém o diz abertamente - as pessoas expressam cuidadosamente as suas preocupações sobre o “culto à liderança”, do qual indiretamente acusam os curdos no final do dia.

O facto de o Estado ter como alvo o movimento curdo, como exemplificado pela proibição das fotos de Abdullah Öcalan ou de certos slogans, não é uma tentativa de realmente proteger a sociedade dos cultos de liderança. Em vez disso, a sua personagem e as suas idéias são vistos como uma ameaça e uma alternativa potencial ao próprio sistema de dominação do Estado. Podemos dizer que o Estado alemão entendeu e analisou Öcalan de forma mais abrangente do que alguns grupos e indivíduos. Isto expressa-se no peso da política de repressão e criminalização do Estado.

Embora algumas pessoas não tenham a certeza se devem ou não mencionar ou fazer referência abertamente a Abdullah Öcalan, elas começam a fragmentar a sua integridade como iniciador do Confederalismo Democrático e como representante da sociedade e do movimento curdo em todas as partes do Curdistão e da diáspora. No decorrer deste processo, eles aproveitam os seus privilégios para me dar um sermão, enquanto indivíduo, sobre o que é que ou quem vale a pena apoiar. Assim, deve-se mencionar Rojava sem Öcalan ou entender o movimento das mulheres curdas sem o significado e a importância de Öcalan.

Nenhuma ideia sobre a questão do gênero?

Ao mesmo tempo, a compreensão do movimento de mulheres curdas sobre a questão de gênero é negada sob esta luz. Aparentemente, isto é ilustrado na vida cotidiana das mulheres curdas, que vêem Öcalan, um homem cisgênero, como o pensador pioneiro do movimento das mulheres e da jineolojî, a ciência das mulheres e da vida! Que paradoxal! Como ousam denominar-se um movimento igualitário de gênero, ecológico, democrático e libertador!?

O verdadeiro paradoxo da situação reside no facto de que em vez de um engajamento com as ideias e conceitos da ideologia de libertação das mulheres, o movimento de libertação das mulheres curdas é reduzido ao gênero masculino de uma pessoa. O tratamento primário de Abdullah Öcalan como uma pessoa do sexo masculino leva a uma visão limitada e míope da realidade - e simultaneamente mostra a atitude dogmática das tentativas das pessoas de constantemente tomar a masculinidade como ponto de referência e assumir posturas rejeicionistas. A mentalidade da masculinidade dominante e tóxica hegemônica é atribuída a um gênero, ao invés de ser entendida como mentalidades e atitudes socialmente construídas. Em vez de se fixar no seu gênero, vozes críticas deveriam

realmente envolver-se com os escritos de defesa e ideias de Öcalan, que fazem dele o que ele é para o movimento das mulheres curdas!

A Ilha-prisão de Imrali como cena de crime

Enquanto as atitudes paternalistas e negativas em relação às outras mulheres não forem

superadas e destruídas, nenhuma solidariedade das mulheres significativa poderá desenvolver-se. A fim de compreender o movimento das mulheres curdas, deve-se abordar genuinamente as seguintes questões: Porque é que Abdullah Öcalan desempenha um papel tão importante para o movimento curdo? Porque é que um dos movimentos de mulheres mais progressistas do mundo faz referência a Abdullah Öcalan de maneira tão forte? A resposta não pode ser simplesmente que todas as mulheres curdas são regressivas! Mas é exatamente este o sentimento que produzem as muitas atitudes desfavoráveis diferentes, que se manifestam em comportamentos ou mentalidades racistas, sexistas ou eurocêntricas.

As atuais ameaças do Estado turco de lançar um

ataque militar às estruturas de autogoverno de Rojava e da Federação do Norte e Leste da Síria, do Campo de Mexmûr e de engal devem ser vistas como ataques diretos ao representante Abdullah Öcalan. É por isso que a nossa linha de visão e as nossas ações não devem ser apenas direcionadas ao Curdistão, mas também devem ver a ilha-prisão de Imrali como uma cena de crime.

Em termos de solidariedade, o movimento das mulheres curdas precisa de uma praxis comum, que veja Abdullah Öcalan como um pensador indispensável e inseparável da sociedade curda. É exatamente por isso que a representante do HDP e membro do parlamento Leyla Güven e dezenas de outras mulheres nas prisões turcas entraram em greve de fome. A sua ação é uma postura firme contra o isolamento total e as condições de prisão de Abdullah Öcalan. Da mesma forma, desde 17 de dezembro de 2018, 15 ativistas na Europa entraram numa greve de fome infinita.

Na sua luta e na sua defesa de Abdullah Öcalan, estas mulheres precisam de uma solidariedade de mulheres forte e intransigente!

*Publicado originalmente em
<https://komun-academy.com>*





Propostas de Abdullah Öcalan

para o Desenvolvimento da Sociedade Democrática

A redefinição de políticas democráticas

Por Ali Cicek, parte da Civaka Azad

“Esse vírus é um espelho. Mostra o tipo de sociedade em que vivemos. Vivemos em uma sociedade de sobrevivência baseada em última instância no medo da morte. Hoje, sobrevivência é o último absoluto, como se estivessemos em um permanente estado de guerra”, comenta o filósofo germano-sul coreano Byung-Chul Han a respeito da sociedade na era do coronavírus.

Han segue, então, explicando que em face da pandemia estamos nos dirigindo a um regime de vigilância biopolítico, e em face desse choque pandêmico, o ocidente será forçado a abandonar seus princípios liberais. O ocidente está, portanto, se movimentando em direção a uma sociedade de quarentena biopolítica na qual nossa liberdade será permanentemente restringida. Os vencedores desses desdobramentos parecem ser aqueles que pedem por mais estado e poder. Na Alemanha isso é evidente, dentre outras coisas, no aumento da (in)capacidade crítica da esquerda e da direita.

De acordo com um estudo a respeito da perda de renda como resultado da atual pandemia, o estado apresenta a si mesmo como o salvador. A revista Spiegel, por exemplo, publicou a manchete “A covid tira, o estado dá”. A confiança nas elites políticas alemãs também se fortaleceu. “O coronavírus foi um divisor de águas para Merkel”, de acordo com o Deutschlandfunk. Segundo esse relatório, a covid19 catapultou a popularidade da chanceler Merkel a “alturas completamente diferentes”.

O problema do poder e do estado também é tema dos escritos de defesa e Abdullah Öcalan. Ele ativamente liderou a luta pela liberação curda enquanto líder do Partido dos Trabalhadores Curdos (PKK) desde sua criação em 1978, até seu sequestro em 15 de fevereiro de 1999. Öcalan segue sendo considerado enquanto principal estrategista, além de um dos mais importantes representantes da sociedade curda. Graças à sua luta e filosofia políticas, ele foi aprisionado em quase total isolamento na ilha-prisão Imrali pelos últimos 22 anos. As análises que Abdullah formulou em seu livro “Sociologia da Liberdade” descrevem uma imagem

similar à tese de Han: “O problema do poder e do estado está obviamente em uma de suas piores fases. Na era do capital financeiro, o maior monopólio virtual do capital na modernidade capitalista, a sociedade está passando por uma desintegração histórica sem precedentes. O tecido político e moral da sociedade foi rasgado. O que está acontecendo é um ‘sociocídio’ - um fenômeno social mais sério do que o genocídio”. Öcalan alerta que o estado-nação está provocando um desaparecimento da sociedade como um todo, levando à perda máxima das características políticas e morais. O resultado dos sociocídios, afirma, é pior do que o dos genocídios, porque reflete na perda da qualidade político-moral da sociedade como um todo. Massas de pessoas que não sentem qualquer responsabilidade mesmo pelas piores catástrofes sociais e ecológicas são provas disso.

Políticas democráticas como vacina em tempos pós-Covid

Face a esse perigo, Öcalan propõe políticas democráticas como meio de alcançar a liberdade através da defesa e da organização da sociedade: “A sociedade que defende a si mesma contra o individualismo, o estado-nação e os monopólios através de políticas democráticas, transforma-se em uma sociedade democrática moderna ao fazer com que seu tecido político se torne funcional”. Na era pós-covid, onde o estado e o poder estão em franca expansão, a questão de defender a sociedade é mais urgente do que nunca. As formações políticas que emergirão da crise estrutural do sistema mundial como um todo, e do atual período repleto de tribulações, em especial, na era pós-coronavírus, serão determinados pelos esforços intelectuais, políticos e morais. Com isso em mente, gostaria de elaborar, abaixo, o conceito de políticas democráticas proposto por Öcalan.

Política como arte da liberdade

Öcalan pergunta, o que é a política, explorando conceitos como liberdade, estado, poder, moralidade, sociedade, democracia e paz em seus escri-

tos sobre defesa. Em seus livros “Além do Estado, Poder e Violência” e, particularmente, em “Sociologia da Liberdade”, ele explora a questão do que a política realmente é e como tem sido desenvolvida historicamente. Enquanto provedor de ideias de um movimento social, Öcalan formula também tarefas políticas para as forças da modernidade democrática que se opõem à violência e exploração capitalistas.

Central a seu conceito de política, é a demarcação de estado e poder, em que ele formula conforme segue:

“Estado significa regramento, enquanto política, por outro lado, é criatividade. O estado governa o existente, enquanto a política, governa através da criação. Estado é ofício, política é arte”.

Para tornar sua visão mais evidente, Öcalan lista algumas atividades que não considera enquanto política: atividades estatais não são políticas, afirma, mas sim administrativas. Baseada no estado, afirma, a política não é feita, mas sim administrada. Questões que não afetam interesses sociais vitais não constituem política no verdadeiro sentido da palavra. Tais práticas acontecem em nível de funções rotineiras trabalhadas por outras instituições sociais. Assuntos que não têm conexão com liberdade, igualdade e democracia basicamente não são da conta da política. O oposto, entretanto, diz respeito fundamentalmente à política: o interesse vital da sociedade inclui a sobrevivência, a segurança, a alimentação e a liberdade, igualdade e democracia que são impedidas pelo poder e pelo Estado.

Relações políticas e estatais não são, portanto, a mesma coisa, mas sim são conflituosas entre si. A política é limitada e enfraquecida conforme o estado expande e se intensifica. A definição de Öcalan de política se aproxima daquela de Hannah Arendt, que escreveu em seu ensaio “Liberdade e Política”: “O significado da política é a liberdade”. Para Öcalan, política é a arte da liberdade, e a política democrática é a verdadeira escola em que a liberdade é aprendida e vivida. Assim como políticas sociais produzem liberdade, o poder e o estado são áreas em que a liberdade desaparece.

Poder e política

Nos trabalhos de Öcalan, a definição dos termos tem significância central. Sem a definição de

termos fundamentais, há o perigo de afogamento em um mar de incontáveis fenômenos individuais. Uma grande confusão de termos nas ciências sociais reina aqui, especialmente na rede de relacionamentos entre poder, liderança e política. Esses termos são usados como se fossem idênticos, e podem ser apontados como uma das razões da desorientação das ciências sociais do presente. Por exemplo, qualquer atividade (militar) de um sistema de governo seria chamada de política, e a participação política dos cidadãos e das cidadãs seria reduzida às eleições que ocorrem de quatro em quatro anos. “Quando penso em termos de guerra, conflito e exploração, que são quase percebidos enquanto política, eu me sinto bem diferente”, escreve Öcalan sobre esse contexto.

Sua reinterpretação do conceito de política no contexto da liberdade e da igualdade justapõe política e poder enquanto dois polos opostos. De acordo com Öcalan, a política deve em primeiro lugar se iniciar enquanto resistência ao poder, que é baseado na exploração e na opressão de outras pessoas. Como o poder busca a conquista e a colonização de toda unidade social e individual, a política deve buscar a vitória e a liberação de cada unidade e indivíduo e indivíduo. Como todo relacionamento, unitário ou individual, é baseado em poder, estes são, também, políticos no sentido

contrário. Como as redes de poder estão em todos os lugares, a política também deve resistir em todos os lugares. Como o poder é baseado em toda unidade social e todo indivíduo e toda indivíduo, política deve também ser baseada em cada unidade e cada indivíduo e cada indivíduo. Öcalan

define qualquer “comunidade anti-monopolista” enquanto unidade: “Cada comunidade - da nação democrática à associação da vila, da confederação internacional ao distrito da cidade - é uma unidade. Cada corpo de governo, tribal ou urbano, local ao nacional, é uma unidade. Podem existir unidades de duas pessoas, mesmo de uma só pessoa, até mesmo a unidades representando bilhões de pessoas”.

Política através de uma perspectiva histórica

Öcalan deriva seu conceito de política da história. Através da história da civilização, ele afirma, a tendência dominante não tem sido da subjugação, mas si da resistência. Dentre outras coisas, em sua perspectiva histórica, ele cita numerosos exemplos de cidade politizadas resistindo às forças da civi-

lização capitalista, reforçando o papel da política. Por exemplo, ele enxerga a razão para a glória de Atenas e de Roma na antiguidade em suas respectivas forças políticas. Ele apresenta a Babilônia, Cartago, e Palmira enquanto exemplos da independência e da autonomia das cidades. Para que não fossem subjugadas pelas grandes potências e pelos estados da região, tais cidades buscaram habilidosamente e de maneira maestral uma política de independência e autonomia. Öcalan também enxerga a resistência de autonomias urbanas na Idade Média, escrevendo, “estamos virtualmente encarando um céu estrelado repleto de cidades que resistiram a grandes impérios”. Esse é o fim comum de autonomias urbanas resistentes.

E esse fio de autonomia urbana resistente é levado a um fim graças ao triunfo da centralidade do estado-nação no século dezenove.

Central à interpretação da política é o reconhecimento que a história continua no presente. Então, a conclusão central da retrospectiva histórica é a existência de uma continuidade de autonomias locais e regionais, e que a história dessa tradição confederalista democrática prevalece. Para Öcalan, não há lugar onde a resistência, i.e., política, não tenha acontecido.

Política enquanto comportamento moral diário

A política também tem uma dimensão moral no pensamento de Öcalan. O papel fundamental da moralidade é o de prover a sociedade com regras necessárias para sua existência e sobrevivência, além da habilidade conferida da implementação. O papel da política, por outro lado, é o de prover as regras morais necessárias à sociedade, além de constantemente discutir e selecionar meios e métodos para satisfazer as necessidades básicas de ordem material e espiritual da sociedade.

Assim como na perspectiva histórica a civilização colocou de lado o papel da política, nas sociedades civilizadas a esfera da moralidade social tem sido limitada, e a parcela da participação da lei tem sido aumentada. Da mesma maneira que a capacidade política da sociedade tem sido evitada e substituída pela administração e pela burocratização, a mesma coisa tem sido feita com a lei contra a capacidade moral do estado e do poder. No entanto, para Öcalan, não é o sistema legal do estado que sustenta a sociedade, mas sim o elemento moral. Portanto, ele afirma, que a moralidade é crucial para a defesa e a organização da sociedade, em adição à política democrática. Política, nesse sentido, para Öcalan, é o “esclarecimento e o comportamento moral diários”.

Autodefesa

Assim, a política democrática significa a existência de um ambiente democrático, e é sua responsabilidade desenvolver continuamente a sociedade moral e política. Junto com a política democrática, Öcalan considera a autodefesa o cerne da política contemporânea. Ele afirma que a legítima defesa protege a sociedade contra os ataques do poder à sua existência, à liberdade e à estrutura igualitária e democrática. De certa forma, poderia ser chamada de política de segurança da sociedade moral e política. Nesse contexto, porém, a autodefesa não se limita a ataques externos, como a militarização do estado-nação ou a exploração por vários monopólios de poder.

Öcalan destaca que as contradições e tensões também podem surgir a qualquer momento nas estruturas internas da sociedade: “Hoje somos confrontados e confrontadas com uma realidade que permeia todos os poros da sociedade não só de fora, mas também de dentro”. Nesse sentido, o sexismo social é uma das armas mais comuns contra a sociedade moral e política, um dos instrumentos ideológicos que estendem o poder e a exploração a todos os poros da sociedade. Portanto, Öcalan vê o movimento democrático de liberdade e igualdade das mulheres como tendo um papel principal na resolução dos problemas da sociedade. Assim, a política democrática só é possível com a plena liberdade e igualdade das mulheres, o direito à total autodeterminação e a livre expressão da vontade em todos os assuntos relativos ao gênero.

Feminização da política

Contra instrumentos ideológicos, como a ideologia do sexismo social ou do patriarcado, as mulheres poderiam, portanto, obter uma vitória no campo ideológico por meio da autodefesa ou de uma ideologia de libertação feminina. Isso ocorre porque o sexismo social literalmente assedia as sociedades e as relações interpessoais, de modo que a violência patriarcal diária em suas várias formas é considerada e aceita como normal. Öcalan assinala que a liberdade social geral e a igualdade nem sempre devem significar liberdade e igualdade para as mulheres. Portanto, a fórmula que se aplica a ele é que o grau de liberdade para as mulheres também define o grau de liberdade na sociedade. A organização específica, ou seja, a criação de metas e organizações democráticas específicas para as mulheres, é um pré-requisito para isso. No contexto da política, Öcalan escreve que: “Quando a libertação das mulheres aborda a esfera política,

ela deve saber que enfrenta a luta mais difícil. Sem o conhecimento de como a vitória na esfera política é possível, nenhuma conquista pode durar.

Vencer na esfera política não significa que o movimento feminista esteja lutando por um estado. Pelo contrário, na luta contra as estruturas hierárquicas e estatistas, significa criar estruturas políticas que não sejam fixadas pelo Estado. Significa lutar por uma sociedade ecológica democrática, bem como pela liberação de gênero. “

Assim, na política democrática, o movimento pela liberdade das mulheres tem um papel de liderança a desempenhar na construção de estruturas políticas além do estado. Uma organização democrática de mulheres inclui todas as estruturas da sociedade civil, o campo dos direitos humanos, bem como os governos locais. Um mecanismo proposto por Öcalan neste contexto é o sistema de copresidência, que deve ser implementado nos governos locais e nos partidos políticos. Nesta “feminização da política”, para além da presença crescente das mulheres nos processos de tomada de decisão, há mudança na forma como a política é praticada. O objetivo é quebrar os padrões masculinos que recompensam comportamentos como competitividade, urgência, hierarquia ou homogeneidade. Em vez disso, a política feminizada busca enfatizar a importância do pequeno, do interconectado, do cotidiano, questionando a separação artificial entre o privado e o político.

A construção de sistemas alternativos como tarefa da política democrática

Portanto, se perguntamos a Öcalan o que é a política democrática, tratamos também da questão de quais estruturas e instituições de participação e co-criação são necessárias para nos tornarmos atores e atrizes novamente. Öcalan também define a política democrática como uma totalidade institucional. A prática da política democrática não poderia se desenvolver se não houvesse inúmeras institucionalizações e atividades como partidos, grupos, conselhos, organizações não governamentais, mídia, comícios, etc. Para um tratamento respeitoso de todas as diferenças na sociedade e o foco na igualdade e na construção de consenso, um trabalho contínuo de educação social também seria necessário.

Na nova interpretação do conceito de política, a tarefa central da política democrática é a construção de um sistema alternativo. Nas palavras de Öcalan, “a política democrática é a forma de construir o Confederalismo democrático”. Enquanto o capitalismo tenta preservar seu poder dentro da crise global reconstruindo o estado-nação, a tarefa das forças da modernidade democrática é o de construir um sistema confederalista democrático que visa defender e desenvolver a sociedade de forma moral e política. Nesse sentido, a política democrática oferece a cada parte e identidade da sociedade a oportunidade de se expressar e se tornar uma força política. Cada comunidade, etnia, cultura, comunidade religiosa, movimento intelec-



tual, unidade econômica, etc., cada uma poderia se estruturar e se expressar autonomamente como uma unidade política.

Se considerarmos que, para Öcalan, a política sofreu sua maior perda dentro do sistema mundial capitalista e que hoje estamos testemunhando uma decadência política de proporções sem paralelo, então, o confederalismo democrático é o meio central de repolitizar a sociedade. Enquanto a modernidade capitalista é sempre administrada por meio de instruções, a modernidade democrática governa de fato fazendo política por meio de discussão e consenso.

Redefinindo a política democrática na era pós-covid

Semelhante à visão do filósofo (Byung-Chul) Han sobre sociedade contemporânea estar sob as condições de um estado de guerra permanente, Öcalan vê o caráter do estado e do poder como uma “gaiola de ferro” na qual a sociedade está aprisionada. Consequentemente, a maneira como as coisas irão se desenrolar “depois do covid19” também depende de até que ponto a política democrática pode se afirmar diante do poder e do estado. É precisamente neste “annus horribilis”, o ano horrível, o período do coronavírus marcado pelo perigo e pela insegurança, que o estado se apresenta como o único ajudante - o que por sua vez, como explicamos acima, pode ter consequências fatais. Há, pois, o risco de que o estado de emergência seja ser declarado normal. A única prevenção contra isso é o constante desenvolvimento de políticas democráticas. Nesse contexto, Öcalan não se contenta em apenas fazer um balanço da situação: com sua reinterpretação da política democrática, ele defende uma mudança paradigmática na própria política. Não devemos deixar nossas tarefas para aqueles que destroem e abusam da política e de sua pluralidade em busca de poder; para aqueles que transformaram tais práticas em profissão para que possam viver a partir dessa destruição. Conforme escreveu Hannah Arendt, não se pode falar em liberdade sem sempre se falar sobre política. Pois liberdade é sinônimo de política democrática, de ação política em público.





Ecocooperativa:

Em direção a uma modernidade democrática

Introdução

“Tomem os meios de produção!” - essa pode ser uma pequena definição da revolução de acordo com o materialismo Marxista clássico. O movimento de libertação curda é conhecido por ampliar a compreensão sobre a revolução, focando especialmente na libertação das mulheres, ecologia e democracia de base, indo além da economia meramente. No entanto, qualquer revolução deve prover respostas para a esfera econômica também. A essência do movimento por liberdade do Curdistão, não só em Rojava, é a luta por uma modernidade democrática. Segundo Abdullah Öcalan, a modernidade democrática, em contraste com modernidade capitalista, não está baseada somente em uma sociedade moral-política e o confederalismo democrático bem como suas políticas e organizações sociais mas também em uma economia alternativa (eco-indústrias) como suas fundadoras.

A revolução em Rojava está focando em redirecionar os meios de produção diretamente para as mãos do povo através do estabelecimento de cooperativas ao invés de gerar a centralização plena da economia, o que não estaria de acordo com a modernidade democrática. Às vezes nós nos referimos a economia de Rojava como uma economia cooperativa.

Mas o que é uma cooperativa? As duas coisas que mais distinguem os requisitos difíceis de uma cooperativa são os meios de produção que pertencem aos membros da cooperativa, e que as decisões são discutidas e decididas sob a coletividade e a democraticamente. No topo disto, novas formas de (re)produção, relacionamento, e as comunidade precisam ser desenvolvidas ao mesmo tempo uma vez que as cooperativas não deveriam nunca ser limitadas apenas a forma econômica de opressão. O comitê econômico do Norte e do Leste da Síria lançam regulações relativas ao papel e a prática das cooperativas. Como uma das linhas básicas da regulação diz: “A satisfação de necessidades básicas da sociedade e a harmonia com o meio ambiente são tidas como base de todas as atividades das cooperativas.”

As cooperativas em Rojava hoje

A economia social baseada em cooperativas é o foco da base econômica de Rojava. Mesmo que a existência de cooperativas sejam definitivamente mais que apenas uma apresentação ao mundo exterior e o número de cooperativas esteja aumentando todos os dias, a economia ainda é de uma natureza mista hoje em dia. Obviamente, não devemos subestimar a realidade da necessidade de uma guerra econômica na qual uma grande parte dos recursos são destinados a auto-defesa e as consequências que disto implica.

Além disso, uma parte centralizada foi implementada para garantir a provisão de necessidades básicas. Ao mesmo tempo, negócios privados ainda prevalecem em existir por enquanto.

A fim de compreender completamente a situação econômica em Rojava hoje, temos de levar em consideração a opressão colonial interna da região pelo regime de Baath ao longo das últimas décadas.

Antes da revolução, a vasta maioria das terras cultiváveis estavam sob controle do regime e uma monocultura estrita de ervas daninhas foi forçada aos agricultores. Depois que as Unidades de Defesa do Povo (YPG) tomou o controle das primeiras regiões no Norte e no Leste da Síria em 2012, muitos dos senhores feudais partiram junto ao regime. Uma grande quantidade desta terra poderia portanto ser diretamente redirecionada aos agricultores locais e também a pessoas sem terra para o uso de cooperativas. No entanto, de acordo com o contrato social de auto-administração, terra, água e energia são finalmente a propriedade de todo o povo e podem, assim, nunca mais pertencer a um dono privado.

Hoje, existem cooperativas que abrangem diferentes variedades de ramos e setores desde produções de pequena escala como padarias, tecidos, comida enlatada até serviços como costureiros e cabelereiras. A maior parte das cooperativas, no entanto, são cooperativas agrícolas que focam em plantar frutas, vegetais ou plantações. Uma das cooperativas cuja infraestrutura é mais avançada existia no cantão de Afrin antes de ser ocupada pelas gangues Islâmicas em benefício do Estado Turco em 2018. Comparada a outras regiões de Rojava, as condições econô-

micas superiores em Afrin antes da revolução, e as vantagens geográficas permitiram uma produção mais diversificada bem como a integração de produtos mais técnicos e sofisticados nas cooperativas econômicas.

De um lado, o papel do comitê econômico nas cooperativas econômicas auto-geridas é o de apoiar cooperativas existentes sempre que puderem. Uma das formas comuns de apoio da auto-gestão, por exemplo, é a provisão regular de sementes e fertilizantes para a produção agrícola ou o aperfeiçoamento de questões com a disponibilidade de infraestrutura básica (especialmente água e eletricidade são um problema em muitas regiões para além do sul). De forma complementar, eles facilitaram a educação para todos os membros das cooperativas (às vezes de natureza técnica mas também frequentemente em relação as fundações ideológicas da revolução). Por outro lado, os comitês econômicos visitam vilas e bairros em torno de Rojava para convencer as pessoas dos benefícios da construção de suas próprias cooperativas.

O método escolhido, no entanto, é o de auto-empoderamento - ninguém é forçado a participar na economia cooperativa.

Neste ponto, as cooperativas do Norte e do Leste da Síria tem um papel duplo de auto-ajuda imediata de um lado, e uma perspectiva de longo prazo por outro o objetivo é de combinar as melhorias de materiais de condições de vida enquanto provêm a longo prazo soluções que podem funcionar como base para uma sociedade pós-capitalista ao mesmo tempo. Um exemplo desta abordagem é a crise de fome que estamos vivendo no momento. Como solução da auto-gestão não é simplesmente

entregar o pão como uma cura de curto prazo às necessidades mas ao contrário iniciar a construção de novas instalações para cooperativas que irão produzir pão em regiões especialmente afetadas como Shadadê ou Deir Ez-Zoir. Em áreas rurais, especialmente, esta estratégia implica literalmente que as pessoas irão plantar suas próprias necessidades nutricionais a fim de atingir autonomia.

É importante mencionar também que cada cooperativa não só providencia a segurança e a libertação do trabalho de seus membros mas é benéfica para toda a comunidade. A experiência dos últimos anos mostraram que as cooperativas são capazes de prover frutas e vegetais, por exemplo, por um preço menor que os mesmos produtos privatizados, baseados na produção de mercado. Neste sentido, as cooperativas desempenham um papel ativo em prover nutrição acessível dentro de um estado econômico em constante crise que estamos vivenciando. Isto é especialmente interessante levando em conta que muitas iniciativas de produção alternativas e anti-capitalistas de necessidades no contexto do Ocidente possuem um caráter bastante exclusivista e são apenas acessíveis às classes média e às elites.

As cooperativas em Rojava estão intimamente ligadas às estruturas da comuna. Podemos dizer que

a comuna e as cooperativas constituem a economia comunal juntas, de mãos dadas. A cultura local é enormemente baseada na vida comunal, a família e os bairros. Mesmo que a região não tenha sido liberta da influência da modernidade capitalista, a sociedade do Norte e do Leste da Síria é de longe umas das muitas regiões hoje não tão individualizadas, mesmo muito distantes do mundo Ocidental. A



mentalidade capitalista não conseguiu conquistar totalmente a moral das pessoas. Pessoas de esquerda do centro da modernidade capitalista têm a tendência de subestimar a influência da realidade da cultura local no que tange a economia. Podemos dizer que a economia communal é ainda muito enraizada nas pessoas de Rojava.

Assim como outros aspectos da vida dentro da revolução do Norte e do Leste da Síria, também a esfera econômica tem uma organização autônoma de mulheres: Aboriya jîn (economia de mulheres). O centro de trabalho de Aboriya jîn é a construção de cooperativas de mulheres. Estas tem conseguido dar a muitas mulheres - que estiveram trancadas dentro de suas quatro paredes por anos - a oportunidade de se envolverem mais na sociedade.

No entanto, ao invés de simplesmente incluir as mulheres na força de trabalho (o entendimento liberal do feminismo), dentro das cooperativas as mulheres tem a oportunidade de gerir seu próprio trabalho, se educarem, e organizarem juntas com outras mulheres muito além que as necessidades econômicas.

Por ultimo, mas não menos importante, as cooperativas também são vistas como um dos maiores pilares para a construção de uma alternativa ecológica a modernidade capitalista na forma de uma ecologia social inspirada por Murray Bookchin. Obviamente, a cooperativa por definição não produz automaticamente harmonia com a natureza. Ao invés disso, a compreensão é que a verdadeira mudança ecológica só pode ser realizada através do estabelecimento de um novo sistema econômico radical para sobrepor a ganância ilimitada por crescimento através do lucro dentro da lógica capitalista. Deste jeito, as ecoperativas são a base para estabelecer redes de auto-suficiência que só tomam as necessidades da sociedade como princípio. No entanto, existem também projetos concretos que focam na percepção de melhorias ecológicas a fim de desacelerar a catástrofe ecológica mundial. Uma das maiores questões que estão sendo levantadas por exemplo, é a de diversificar a produção agrícola monocultural das fazendas. Outros projetos incluem o provimento de transporte público e reflorestamento.

Perspectivas e desafios

A cooperativa é uma necessidade mas não é condição suficiente para a mudança. No fim, o quadro institucional de dentro de uma cooperativa por ela mesma não garante uma economia revolucionária. Para começar, as pessoas devem desejar colocar

isto em prática, também. Isso inclui

ser flexível a aprender novos jeitos de (re)produção bem como a rejeição feudal e de influências capitalistas dentro da sociedade enquanto restauramos a intuição moral de uma sociedade natural. Se membros da cooperativa não estão usando as reuniões de forma periódica para levantar suas preocupações e propostas mas ao invés disso passivamente deixar uma única pessoa ou família tomarem todas as decisões, por exemplo, isso pode apenas reproduzir estruturas de poder feudais e patriarcais. Portanto, educação, auto-educação assim como a abertura e a institucionalização do criticismo e auto-crítica são partes vitais das cooperativas em Rojava.

O que dificulta a economia cooperativa de expandir-se em mais esferas qualitativamente e também quantitativamente são primeiramente e sobretudo os constantes ataques de forças imperialistas bem como dos Estados-Nação regionais. O embargo que é imposto de todos os lados bem como a constante condição de guerra requerem um grande nível de criatividade e resistência. É importante compreender, no entanto, não só o estado de guerra física na frente de batalha, nem a economia de guerra pela hegemonia capitalista, mas também um estado de guerra especial através da mídia, agentes, etc, estão tentando de tudo para prevenir a implementação de uma economia alternativa e autônoma. Isso inclui não somente uma constante subjacente “automatizada” de um estado de guerra da modernidade capitalista, mas também de alvos muito explícitos que tetam enfraquecer a revolução. Um exemplo concreto é a recente tendência de aumentar drasticamente os esforços pelos Estados Unidos e instituições do sistema para “caçar” a juventude que está envolvida em estruturas revolucionárias - atraindo-os por salários altos. Isto tesmunha o grande perigo de incorporação da juventude em um modo psicológico de pensar e das dependências de indivíduos no capitalismo ao invés de se unirem para montar uma cooperativa em seus bairros, por exemplo.

Considerando as condições árduas nas quais a revolução se encontra confrontada depois de quase uma década, o desenvolvimento das cooperativas como promessas de um novo nível de sociedade comunal nos trás esperança para pessoas muito além das fronteiras do Norte e do Leste da Síria. No fim, as cooperativas de Rojava hoje são provavelmente a realização mais simples das fundações fundamentais da revolução: As pessoas tomando de volta sua terra que tinha havia sido tomada delas pelos Estados-Nação.



O caminho para Rojava

Um caminho de volta para a tua própria história

Camaradas alemães escrevem sobre a história de resistência na Europa central e na Alemanha de hoje. a sua busca por esta missão quase perdida é inspirada pelo movimento de libertação curdo.

O texto é publicado pela primeira vez no relatório do Curdistão

Muitos internacionalistas que conheci em Rojava estão fartos das lutas de onde vêm. A sua esperança numa transformação revolucionária da sociedade, seja na França, Espanha, Alemanha ou Inglaterra, é fraca. E ninguém quer realmente identificar-se com estas sociedades. Mas não é assim tão simples: deixar de fazer parte de uma sociedade e da história não é possível. A revolução garante isso - e especialmente as camaradas curdas.

Estamos sentados à sombra com chá, pão, azeitonas e tomates. É uma pequena pausa no trabalho. As conversas giram em torno da história da região, da sociedade. Eles falam-me sobre a história dos curdos em Rojava, sobre os últimos anos da revolução, sobre a época do regime sírio sob Bashar al-Assad, sobre os efeitos da revolta mundial da juventude de 1968 na Síria. E vai ainda mais longe na história do Médio Oriente. Os camaradas falam de Zaratustra e Mani como se ainda vivessem entre nós, enchendo os seus pensamentos com um novo espírito. Eles são exemplos de resistência social ao dogmatismo na fé e à glorificação do Estado.

E então surge a pergunta para nós, alemães: “Qual é a história da vossa sociedade”? Inicialmente, faz-se silêncio no nosso grupo. Nós, internacionalistas alemães, temos dificuldade em falar sobre a nossa história. Não sabemos o suficiente sobre ela. Estamos a ser questionados sobre os Sehids (os caídos, mártires), a resistência contra o fascismo. Sobre a revolução de 1848, as revoltas camponesas e os hereges, sobre as tribos germânicas e sua resistência contra o imperialismo do Império Romano ... Não, não queremos ser questionados sobre os Teutões. Consigo ver nas caras dos outros alemães: não queremos ser alemães. Não queremos ser associados às exportações de armas alemãs para a Turquia, ao fascismo alemão, ao genocídio dos Herero e Nama e ao Holocausto.

Mas quanto sabemos sobre as correlações na nossa história? Sobre a história não escrita dos derrotados? As suas lutas e resistências contra a opressão, o patriarcado, o deslocamento, o Estado e o capitalismo? Como pode uma mentalidade fascista prevalecer na sociedade e no Estado?

Alguns dias depois, sentámo-nos juntos novamente. Sem ligação à internet e apenas com os livros no nosso leitor de E-books, dedicámo-nos à grande questão: “Quem somos nós e de que história surgiu a nossa sociedade de hoje”? Silvia Federici e Friedrich Engels - estas são as nossas primeiras pistas. Aprendemos sobre sociedades que viviam e operavam de acordo com valores comunitários e cooperativos, nas quais as mulheres tinham um papel central, nas quais todas as pessoas estavam envolvidas em decisões importantes, por exemplo, sobre guerra e paz. Os locais onde as reuniões das tribos germânicas eram realizadas eram chamados Thingstätte (Thing = reunião do povo, reunião do tribunal). Sim, hoje apenas o NPD (partido de extrema direita) em Grevesmühlen e a sua “Thinghaus” como ponto de encontro nazi nos lembram destes lugares.

Discutimos ... será que esta velha história ainda importa sequer para nós hoje? Faz sentido abordá-la e usá-la como um ponto de referência na análise das mudanças sociais? Tudo parece tão apropriado pelo pensamento nacionalista e pelo simbolismo fascista. Mas tudo o que lemos nos livros de Engels sobre as tribos germânicas da época do Império Romano contradiz a ideologia do fascismo alemão. Então, por que é que devemos deixar esta história para os nazis?

Mas como é que as estruturas hierárquicas se desenvolveram nestas sociedades muito liberais, chegando até os reinos, por exemplo, o Império da Francônia, e depois aos Estados-nação modernos? Repetidamente partilhamos o que lemos com outros camaradas internacionalistas. Repetidamente, encontramos muitas semelhanças nos

desenvolvimentos históricos de sociedades anteriores na Europa e podemos traçar paralelos com os desenvolvimentos no Médio Oriente. Discutimos o desenvolvimento do Império da Francônia com camaradas franceses. Foi o resultado da expansão e aprofundamento das estruturas de governo das tribos germânicas - os francos - até que o novo Sacro Império Romano substituiu o Imperium Romanum. Foi Carlos Magno quem impôs pela violência a nova ordem do Cristianismo e do feudalismo às sociedades da Europa Central. Mas mesmo contra esta violência houve grande resistência. Foram precisamente os frísios e os saxões que não aceitaram a nova ordem hierárquica e mantiveram a ideia de Allmende (terra comum). Uma ideia segundo a qual os bens de que as pessoas precisam para viver não são propriedade de indivíduos, mas sim da comunidade. Curiosamente, estes são os saxões e frísios de quem nós, na Alemanha, ocasionalmente fazemos troça, o que parece contraditório, uma vez que estamos a assumir as suas lutas e a exigir a comunização dos bens de consumo e do renascimento do Allmende.

Com camaradas italianos, discutimos o livro de Federici “Calibã e a Bruxa” e como no período do Renascimento a sociedade resistiu ao catolicismo dogmático e centenas, senão milhares, de grupos resistentes de hereges se formaram. Eles interpretavam o cristianismo de forma livre e democrática e criticavam os padrões duplos dos padres católicos. E, ao mesmo tempo, opunham-se à desigualdade social, às hierarquias e à exploração económica dos camponeses pela nobreza. Muitas destas insurgentes foram queimadas como bruxas, incapacitadas, marginalizadas. Estes foram os primeiros sinais de revoltas camponesas, que desafiaram a ordem existente juntamente com os hereges. Federici chama a isto de “primeira internacional proletária”, visto que este movimento não parou nas fronteiras dos principados e impérios, mas estendeu-se por toda a Europa.

„Wir sind des Geyers schwarzer Haufen - Heyah, Heyoh - Wir wolln mit Pfaff und Adel raufen - Heyah Heyoh“ (Nós somos a multidão negra de Geyer - Heyah, Heyoh - Queremos lutar contra os sacerdotes e a nobreza - Heyah Heyoh). Ocorrem-me memórias dos meus dias de escola. A melodia da música sobre Florian Geyer ainda está na minha cabeça. É uma canção sobre as revoltas do movimento Bundschuh no início do século XVI. No sudoeste da Alemanha, os agricultores organizavam-se como “Haufen” [palavra antiquada para multidão], pequenos grupos armados que incendiaram igrejas e castelos e construíram estruturas democráticas de autogoverno rural.

Neste período também começou o movimento das Beguinhas. Mulheres, como Mechthild de Magdeburg, juntaram-se em comunidades e procuraram uma vida além do casamento ou das paredes do mosteiro. Elas viviam uma vida mais livre em conventos que eram abertos a todas as mulheres, onde podiam ser independentes dos seus maridos ou pais. Estes conventos não estavam sujeitos a nenhuma ordem religiosa ou hierarquia eclesiástica. As mulheres elegiam as suas representantes, muitas vezes trabalhavam em coletivos e dividiam o seu dinheiro igualmente. As Beguinhas, comunidades vivas de solidariedade, espalharam-se rapidamente pela Europa Central, especialmente no que hoje é a Holanda, a Bélgica e a Alemanha.

Mas as Beguinhas são interessantes não apenas para a nossa busca de formas de vida resistentes na Europa. No ramo da Jineoloji [ciência das mulheres], as mulheres também estão a pesquisar esta história. E, tal como naquela época, as aldeias estão a ser construídas para as mulheres novamente. Na aldeia de Jinwar, as mulheres vivem autonomamente dos homens, criam as suas próprias bases económicas e reaprendem o conhecimento social, por exemplo, a medicina natural que foi quase esquecida.

Mas o que aconteceu às Beguinhas na Europa? Durante a Reforma, apoiada pela visão de Lutero de que as mulheres foram criadas exclusivamente como donas de casa e mães e de que o sucesso económico individual era um sinal de ser escolhido por Deus, as últimas Convenções Beguinhas foram forçadas a dissolver-se.

Encontramos o livro de Max Weber “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”, lemos os pensamentos de Öcalan sobre o surgimento do capitalismo ... A moralidade protestante já não tinha nada para se opor ao capitalismo explorador na Europa Central - sem valores, sem limites. Tudo se tornou possível, a única justificativa de agora em diante era o lucro.

Na playlist dos camaradas da Inglaterra encontramos a canção “Hey ho nobody home meat nor drink nor money have I none” [“Ei, ninguém está em casa, nem carne, nem bebida, nem dinheiro, não tenho nada”. É a melodia da canção “Heho spann den Wagen an” [Heho aproveita a carruagem] - também a conhecemos desde os nossos tempos de escola. É uma velha canção dos primeiros anos do crescente movimento de pessoas sem-terra em Inglaterra. Expulsos dos seus campos e não dispostos a viver na cidade e na fábrica, mais e mais pessoas vagueiam pelo país - não raramente pedindo nas ruas e roubando. Que outra opção lhes restava, já que não aceitavam uma vida de exploração e servidão?

Na Alemanha, foram especialmente as tecedeiras que se tornam famosas por resistir ao capitalismo e à industrialização em meados do século 19. Eles destruíram os seus teares e iniciaram motins. Estaremos a cantarolar “Deutschland, wir weben dein Leichentuch” [Alemanha, tecemos a tua mortalha] durante os próximos dias enquanto trabalhamos. É um poema de Heinrich Heine, uma consideração do início da industrialização e da monarquia.

O que é que poderia ter resultado deste velho império? Depois de Napoleão ter sido derrotado e as velhas fronteiras estabelecidas novamente, muitas pessoas depositaram as suas esperanças numa Alemanha unida. Tinham esperanças na unificação e identidade do povo com base nos direitos e liberdades e não na escravidão e servidão. Mas seria necessário tornar-se o Estado-nação alemão? Unificando tudo, criando o nacionalismo, estabelecendo o colonialismo como a principal política externa e a opressão como a doméstica. Sim, havia alternativas, nunca há nada sem alternativa. A Revolução de Baden surgiu de uma destas ideias alternativas. Revolucionários como Gustav Struve, Amalie Struve e Friedrich Hecker defendiam uma ideia diferente da Alemanha, defendiam uma república socialista. Foram influenciados por ideias do Iluminismo, pelo movimento socialista inicial e pelas formas tradicionais de vida social. Estavam preocupados com a libertação do indivíduo, com a igualdade económica e o autogoverno da sociedade de acordo com as formas tradicionais - não de acordo com os valores da democracia burguesa. Mas mesmo esta curta revolução teria desaparecido completamente da nossa consciência, se não tivéssemos cantado o Heckerlied para levantar o nosso ânimo nas noites que passamos juntos.

Mas para os jovens socialistas destes dias, a Revolução de Baden foi certamente um momento de aprendizagem e reconhecimento. Estas experiências contribuíram em parte para o facto de que apenas algumas décadas depois (imediatamente após a Primeira Guerra Mundial), as Repúblicas de Conselhos foram fundadas em toda a Alemanha, nas quais a sociedade assumiu o seu futuro pelas suas próprias mãos. Mais uma vez, havia chegado um momento em que o caminho do desenvolvimento social não estava predeterminado, mas o resultado da luta entre a democracia radical e o centralismo do Estado ainda estava aberto. Uma luta em que tantos revolucionários deram a vida a defender a sua ideia de liberdade. A determinação e o compromisso na resistência de revolucionários como Erich Mühsam, Anita Augspurg e Kurt Eisner tornaram-se mais imagináveis através das experiências da revolução em Rojava - a nossa clareza do que

deve ser defendido aumentou.

Bem, então? Continuamos? Aí vem o esmagamento das Repúblicas de Conselhos com a força do fascismo crescente. Esta força que destruiu tanto, senão tudo: partidos, sindicatos, confiança, esperanças. E sob a sua pior forma, o Holocausto, esta força destruiu até mesmo a crença na capacidade humana de viver em conjunto em paz.

Esta história também tem ligação com uma região que fica a apenas a alguns quilómetros de nós. “O modelo do fascismo alemão, o modelo pessoal de Hitler foi Atatürk e o genocídio dos arménios”, contam camaradas curdos que cresceram em Bakur [Curdistão do Norte] e se juntaram às unidades de defesa (YPG / YPJ) para defender a cidade de Kobane contra o Estado Islâmico.

“Hitler via Atatürk como uma estrela brilhante de uma luta nacionalista pela criação de uma nação que se deveria basear numa língua, uma bandeira e um povo. E o movimento de libertação curdo ainda está a resistir contra este Estado hoje”.

E onde estava a resistência contra o fascismo alemão? Ela não existiu ou desapareceu da história - escrita pela classe dominante? A segunda resposta é mais verdadeira do que a primeira. Os Piratas de Edelweiss, a Aliança de Lutadores da Frente Vermelha, a Federação das Mulheres e Raparigas Vermelhas, o Sindicato Revolucionário de Oposição e Partisans individuais, são apenas alguns dos muitos nomes e organizações que se organizaram contra o fascismo alemão. E por trás das organizações havia pessoas com biografias que podemos ler e entender, como Maria Wachter, Georg Elser, Erna Eifler, Wolfgang Abendroth e Gertrud Koch - poderíamos apresentar uma lista com muitos milhares de nomes.

Contamos aos camaradas curdos sobre a República de Schwarzenberg, uma pequena região nas Erzgebirge. No final da Segunda Guerra Mundial, aguentou seis semanas entre o avanço dos exércitos dos Aliados. Os antifascistas em Schwarzenberg não esperaram até que os Aliados chegassem; em vez disso, formaram os seus próprios comités de ação antifascista em mais de 20 cidades e aldeias da região. Esses comités de ação antifascista formaram-se em muitas cidades do antigo Reich alemão. Frequentemente, estas estruturas de resistência antifascista causaram as primeiras prisões de nazis entre as antigas administrações e nas fábricas. Organizaram as tarefas necessárias para a sobrevivência das pessoas e colocaram a infraestrutura novamente em funcionamento. Foram a força motriz na organização dos trabalhadores em novos sindicatos.



tos, que se apegaram às ideias socialistas. Mas tanto no Oriente como no Ocidente não havia interesse em dar espaço aos comitês antifascistas para construir novas estruturas sociais.

Cedo o SPD (Partido Socialista Democrático) proibiu os seus membros de se juntarem aos comitês e o KPD (Partido Comunista da Alemanha) tentou integrar os comitês na sua construção de um Partido de Unidade Socialista. Por mais diferentes que os motivos para isso fossem, um motivo era o mesmo: a imposição de um Estado funcional e centralizado e o desempoderamento da auto-organização política do povo. Teria sido possível reconstruir as estruturas de conselhos socialista numa Nova Alemanha? Sim, teria sido possível.

Não teria permanecido apenas uma possibilidade se as forças democráticas e revolucionárias tivessem sido capazes de se afirmar contra as forças e a ideologia do Estado.

Mas de onde é que todas estas pessoas tiraram força e vontade para as suas lutas? Depois de ouvir essa pergunta, uma das nossas camaradas ri. O nome dela é “Amargi”, que significa “liberdade”. Ela conta que, com o surgimento das primeiras hierarquias nas sociedades mesopotâmicas, a palavra “liberdade” também apareceu. Esta palavra originou-se do conhecimento de uma vida social em liberdade, de apoio mútuo e da ligação com a natureza.

“Deste conhecimento de uma vida livre, as pessoas tiraram a sua vontade e força para resistir e lutar por uma liberdade renovada”.

A base para isto, dizem os nossos camaradas curdos, é que as pessoas se sentem conectadas com o seu país e sua sociedade, o país e a sociedade de onde vêm e onde vivem. Eles chamam a isto de “Welatparezi”, “defesa da terra natal”. E também para nós internacionalistas, este termo se tornou corriqueiro, quando percorremos os bairros para visitar justamente essas famílias. Mas em alemão? o que significaria, “Amor e defesa da terra natal”?

Estamos interessados em ouvir notícias dos protestos “Ende Gelände” contra a mineração de carvão na Alemanha. Pessoas cujas aldeias foram destruídas e, portanto, as suas casas e o seu tecido social foram destruídos, estão no limite da área de mineração. Os ativistas sobem às árvores da Floresta Hambach para defender um pedaço da natureza. Antifascistas decididos enfrentam o novo movimento de direita nos seus bairros... Estas imagens e vozes dão-nos uma ideia do que “Welatparezi” pode significar.

Somos nós o final de uma cadeia de lutas socialistas, feministas, ecológicas, democráticas e anarquistas entrelaçadas. Somos nós o último elo na luta pela terra, igualdade, solidariedade e liberdade que percorreu toda a história, incluindo a Europa.

Amargi fala sobre como lidamos com esta história e com as nossas sociedades:

“O movimento curdo começou a organizar-se contra o colonialismo no Curdistão. A vossa vingança pela longa história de guerras e aniquilamento que os alemães causaram, deve ser organizar e defender a sociedade contra o capitalismo e o nacionalismo”.



Europeus em Rojava: Por quê vamos para lá?

No verão de 2018, um grupo de companheiras bascas tivemos a possibilidade de visitar e conhecer em primeira mão a revolução de Rojava. Antes de ir, tínhamos muita vontade de conhecer o que líamos nos livros e que não parávamos de nos fazer questionar. De um ponto de vista internacionalista, não se trata só de ir apoiar a revolução que está acontecendo lá, mas sim de tirarmos exemplos e conclusões que de alguma forma possam nos ajudar a pensar um futuro de luta fora do Curdistão.

A história oficial foi escrita a partir da Europa, com uma visão da Modernidade Capitalista, e isso fez com que todas as pessoas aqui socializadas levemos em nossos mais profundos pensamentos, uma mentalidade colonial. Precisamos de humildade para apreciar projetos do Oriente Médio e visitá-los in situ nos ajuda a abandonar essa superioridade colonial. Um exercício muito importante recebido quando se visita Rojava é o de abandonar uma mentalidade positivista, muito conectada ao desenvolvimento do capitalismo cultural, e imaginar novas formas de organização humana. A experiência de Rojava é muito útil para questionar revolucionários ocidentais e para colocar em cheque muitas afirmações e princípios que acreditamos universais e fixos.

Em muitas ocasiões, visitamos experiências revolucionárias em busca de respostas concretas, científicas e tangíveis. É comum que militantes que procuram relançar e/ou encorajar as lutas em seus locais aspirem encontrar fórmulas teóricas mágicas que respondam “como”, mas Rojava, mais que responder a essa pergunta, é capaz de colocar em dúvida essa mesma questão. Na nossa opinião, a aposta pela construção de uma Nação Democrática com base no Confederalismo Democrático está sendo capaz de superar barreiras teóricas e intelectuais e de pegar das experiências históricas seus maiores acertos, deixando radicalmente de lado certas dicotomias estagnadas entre, por exemplo, anarquismo e comunismo. Durante o declínio do espírito revolucionário que assolava o mundo no final do século XX, o movimento curdo de libertação foi capaz de identificar o esgotamen-

to de correntes políticas que haviam desenhado as diferentes lutas do século passado. E assim, após anos de reflexões e debates demorados, conseguiram tirar lições da história de luta pela libertação humana e realizaram uma síntese entre os acertos das correntes comunistas e anarquistas, dando uma atribuição central ao papel da mulher e sua libertação em todos os pormenores da luta.

Com uma atitude definitivamente heterodoxa, o movimento curdo critica duramente o desvio autoritário do socialismo real, que tem sua expressão máxima na União Soviética. Sua leitura sobre o papel do Estado na transformação social acabou resultando em um aparato burocrático-militar que não soube potencializar o protagonismo das massas na revolução e sua necessária transição à mentalidade comunista, ao contrário, criou novas relações de poder e dominação dentro de um Estado Socialista. Igualmente, a crítica ao anarquismo é centrada nas suas tendências individualista e niilista que inclusive foram potencializadas pelo neoliberalismo. Uma visão na qual o indivíduo está acima de tudo e que perde as dimensões sociais e coletivas necessárias para a vida de qualquer pessoa livre. Portanto, como dizíamos antes, as lições que tiramos do movimento curdo das diferentes correntes de orientação revolucionária nos ajudam a vislumbrar qual poderia ser o caminho a percorrer, aprendendo com os erros do passado.

Quem busca revoluções isentas de contradições, que não vá a Rojava (e se possível, a lugar algum) e quem não quiser entender as contradições como parte de um processo revolucionário não será capaz de traçar um caminho realista hoje em dia. Rojava te ensina isso, a colocar em dúvida cada pequeno passo, te obriga a problematizar cada atitude que tomamos como indivíduos e, acima de tudo, te ensina que 2+2 nem sempre é 4.

Em Rojava, além dos curdos, se encontram múltiplas etnias, cada uma com sua cultura, sua história (quase sempre sangrenta) e suas aspirações. O Confederalismo democrático acredita que as aspirações de cada etnia podem conviver e cooperar sob o mesmo teto, e isso é o que faz com que o movimento curdo de libertação, longe de ser um movimento nacionalista, tenha se convertido em

um movimento de libertação multi-étnico. Não há dúvidas de que as potências ocidentais estão há séculos colocando as etnias que convivem no Oriente Médio umas contra as outras, e é por isso que o projeto multi-étnico é tão radical e atenta diretamente contra essas aspirações do ocidente. Em Rojava há um empenho em conseguir uma articulação sem homogeneização e se entende a diversidade como potência, não como fator limitante.

Já em meados dos anos 80, no interior do movimento, deu-se início ao projeto que hoje em dia é uma realidade em Rojava: a mulher deve sempre estar à frente da revolução e deve ser tratada e respeitada como iguais aos homens. As curdas entendem que a mulher foi a primeira classe oprimida, e com essa opressão começa a civilização da dominação que finalmente abre as portas para a dominação capitalista. A libertação da mulher é central, e além disso, se dá em um contexto no qual até pouco tempo se escravizava e comercializava mulheres. Na questão de gênero, pode-se afirmar que ocorreu uma verdadeira revolução, e que as mulheres que tanto lutaram para serem reconhecidas não estão dispostas a deixar de lado tudo o que conseguiram. Assim testemunham as mulheres das autodefesas populares (HPC-Jin) que passeiam orgulhosas com suas kalashnikovs embaixo do braço pelas ruas de Rojava.

Não há dúvidas que o partido desempenha um papel fundamental na conformação do novo sistema social que vem se desenvolvendo em Rojava mesmo antes da revolução de 2012, mas eis aqui uma das bases do projeto: o partido só é necessário até que deixe de ser. E é assim que ocorre cada vez em mais comunas de Rojava. Cada vez mais pessoas entendem que são elas mesmas que têm que organizar e defender seu próprio território, e elas orgulhosamente afirmam frequentemente que em sua comuna não há partido, e que já não precisam dele no dia a dia. O empoderamento das pessoas comuns leva a um forte sentimento de pertencimento a uma luta que modifica o cotidiano e mostra a eficácia da auto-organização como vetor principal que permeia o projeto da Nação Democrática.

E é aqui que entra a questão complexa da liderança. Além da falta de capacidade que demonstram os movimentos da Europa em criar lideranças, há uma falta de compreensão para com a figura e papel de Abdullah Öcalan. E é comum escutar

como existem muitos companheiros na Europa que questionam todo o projeto da Nação Democrática por causa do papel que Serokati (Öcalan) representa. De alguma forma, temos tão interiorizada a mentalidade individualista que, em uma tentativa corriqueira de lutar contra ela, nos concentramos em questionar lideranças existentes, que são funcionais e eficazes. Não seria um exercício de luta contra o individualismo que cada pessoa se incorpore a um coletivo, neste caso representado por um indivíduo que, no nível político, transcende uma pessoa humana?

Diante das contradições que a liderança ideológica tão personalista de Öcalan podem gerar, é necessário ressaltar que nos pareceu muito importante a centralidade que davam à auto-organização popular. Este conceito esteve presente em muitos outros movimentos revolucionários, mas lamentavelmente muitas vezes foi relegado ao segundo plano enquanto se percorria o caminho até a revolução. Muitas organizações revolucionárias nasceram com a sincera intenção de serem desfeitas, de deixar de serem necessárias quando a própria sociedade se organizasse sob outros valores, mas à medida que iam conseguindo mais poder, foram perdendo a confiança no povo que pretendiam libertar e acreditaram ser necessário concentrar o poder nos quadros do partido e nas suas próprias estruturas internas, como meio de garantir a “pureza” do movimento. Isto, por sua vez, trouxe atitudes autoritárias e ditatoriais que, em última instância, prejudicavam a auto-organização do povo, a tomada de consciência e responsabilidade de todas as pessoas por sua vida coletiva

Neste sentido, e com muitas contradições, nos pareceu que o Confederalismo Democrático dava

Cada vez mais pessoas entendem que são elas mesmas que têm que organizar e defender seu próprio território

mais importância ao protagonismo da sociedade em sua própria organização. Nos lembramos de como na Mala Jin (casa das mulheres) de Qamishlo tivemos uma experiência que reflete, em nossa opinião, esta contradição entre

o papel dos quadros revolucionários e o povo. As mulheres da Mala Jin nos contavam com orgulho como elas já se organizavam sozinhas, sem a necessidade de nenhum quadro. Nos primeiros anos desse projeto, elas receberam ajuda dos quadros do movimento curdo, mas sua presença foi diminuindo enquanto as próprias vizinhas se organizavam elas mesmas. O orgulho que sentiam por isso se misturava com a gratidão pelo apoio recebido. Uma organização de quadros que se mobiliza para potencializar estruturas democráticas de base



desencadeia um potencial transformador muito promissor.

O movimento curdo teve sucesso em colocar o foco da transformação social na mente das pessoas. Com a humildade necessária, se entende que cada uma de nós estamos dentro do sistema patriarcal capitalista, Para alcançar um novo mundo devemos trabalhar incessantemente para nos desfazermos dessas características negativas, e aprender (ou reaprender) a viver de forma solidária. Este é um grande processo, um trabalho muito persistente, apoiado e potencializado pelo coletivo mas individual no fim das contas, já que as pessoas necessitam viver em suas próprias peles certas experiências transformadoras. E nesse sentido nos parece que o movimento curdo tem um equilíbrio muito interessante entre querer influenciar a sociedade e entender os ritmos lentos da transformação social.

É óbvio para qualquer pessoa revolucionária que é necessário mudar o mundo. É um imperativo moral ante a justiça vigente. Ainda assim, muitas vezes durante a história quiseram acelerar os processos de transformação, com a visão voltada cegamente para a utopia que viria depois deles. É uma grande lição que Öcalan tira, por exemplo, da derrota da experiência socialista soviético. A tomada de poder por parte da vanguarda bolchevique possibilitou várias mudanças na estrutura político-econômica, mudanças que procuravam facilitar materialmente essa transformação das mentalidades. Mas a urgência dessa transformação, e obviamente muitos fatores internos e externos, os levaram a adotar práticas ditatoriais e opressoras. E estas acabaram criando um aparato burocrático-militar mais impositivo que liberador, sempre justificado na bondade da sociedade

comunista que se queria construir.

O respeito à consciência de cada pessoa é essencial para considerar o ritmo que o processo revolucionário deve seguir. Não se consegue liberdade e justiça tomando o poder e impondo como as pessoas devem viver, Somente quando nos libertarmos dessas características da modernidade capitalista em nossas mentes e a sociedade se organize baseada em outros valores, de forma livre e natural (genuína) poderemos dizer que começamos a superar a dominação. Por isso, a influência que um movimento revolucionário necessariamente tem que exercer deve ser direcionada ao empoderamento protagonista das pessoas, à criação de poder popular consciente e responsável, tendo sempre presente o risco de cair no autoritarismo, um perigo inerente à construção do poder.

Uma sociedade com uma cultura rica de dar e receber críticas tem muito mais possibilidades de sucesso, mais resiliência e mais capacidade de acertar o caminho ao ser capaz de questionar as decisões tomadas. E é útil em vários ambientes. Por um lado, na luta, uma atitude autocrítica é necessária para reconsiderar o caminho escolhido, inventar novos caminhos e sobretudo, não se conformar com o que existe, evitando atitudes egocêntricas e autocomplacentes que foram tão comuns no passado. um movimento revolucionário que não saiba sair de sua bolha para fazer uma leitura realmente crítica de seus erros e acertos não tem outro destino que não seja a estagnação e a petrificação dogmática.

Por outro lado, se entendemos que o individualismo, a mentalidade patriarcal, o egoísmo e as demais características da Modernidade Capitalista existem dentro de nós, se torna imprescindível

o trabalho de ir polindo nossa mentalidade. E é desde o princípio, um exercício de humildade, pois começa por admitir nossa própria imperfeição e a necessidade de melhorar.

No fundo, é uma mostra de solidez ainda maior. Geralmente não temos muita facilidade para aceitar críticas e tendemos a nos defender, a não querer ver o que nos estão dizendo. São, dentre outras coisas, mecanismos do nosso cérebro para evitar questionar o que somos e viver tranquilos. Entretanto, para alcançar uma mudança real em nós mesmas, devemos superar esses costumes e estar abertos às críticas, a aprender, a melhorar. O resultado desse processo será muito mais reconfortante e terá um potencial transformador muito maior que a falsa tranquilidade com a qual nos enganamos ao não valorizar seriamente as críticas recebidas.

No aprendizado do movimento curdo, a crítica e a autocrítica, assim como a construção da ética, são processos coletivos. As críticas não são eficazes e nem construtivas se não partem de uma ética comum, construída e compartilhada por um povo, base do novo mundo pelo qual lutamos. Muitas vezes foi dito na história que a revolução traria a construção do “novo indivíduo”, da nova mentalidade. Mas as curdas lançam dúvidas quanto a esta crença. Essa nova mentalidade é resultado da revolução ou será talvez o ponto de parto de partida? Devemos começar a viver desta forma a partir de hoje, e a trabalhar nossas próprias formas de nos relacionarmos, de sentir, com a nossa ética coletiva nos guiando, e uma vida harmoniosa como exemplo a ser seguido.

A partir do companheirismo e do compromisso com a comunidade, os membros do grupo vão se ajudar a identificar e mudar as atitudes patriarcais, capitalistas e de dominação que tenham. Uma relação de companheirismo é muito mais forte e mais profunda se somos capazes de criticar e ser criticados para depois melhorar, mas este processo coletivo também deve estar acompanhado de uma disciplina pessoal para resolver realmente os problemas. E é um processo contínuo, sem fim, tal como nos advertia um quadro curdo durante nossa viagem. Ela tinha renunciado a muitas coisas para cumprir o papel que tinha no movimento, era uma referência para nós e exemplo de uma vida harmoniosa. E ela nos dizia que, ainda assim, continuava lutando consigo mesma para levantar da cama, continuava combatendo sua preguiça, dentre outras coisas, dia a dia.

Há vários anos que exercícios como o teknil

chegaram em nossas mãos na forma de texto. Mas não acredito que algum de nós imaginava a profunda implementação da crítica e da autocrítica em todos os recônditos da revolução. A crítica e a autocrítica estão tão naturalizadas em Rojava quanto o ato de beber água em todo o mundo. Faz parte de um senso comum no qual confundir-se é inevitável, assim como é inevitável corrigir erros no dia a dia de maneira coletiva. É aqui onde o espírito paciente da revolução de Rojava se conecta, onde todo camponês ou trabalhador tem o dever de criticar a qualquer pessoa com responsabilidades políticas. Baseadas em uma ética comum que está sendo forjada há décadas, a crítica e a autocrítica são princípios que ajudam a fazer com que a revolução não seja eclipsada e desvirtuada, por exemplo, em práticas autoritárias que tanto caracterizaram outros processos revolucionários.

Em Rojava conhecemos um povo em luta. Um povo que, em um contexto tão bélico e tão cheio de sofrimento, é capaz de sorrir, de demonstrar amor pela vida quando a morte está tão próxima. A coragem de tantas mulheres e homens que deram tudo para que o resto possamos ser um pouco mais livres nos mostra uma lição de humildade. As coisas parecem diferentes vistas a partir das nossas vidas na Europa, do bem-estar material de viver no centro imperialista. Em Euskal Herria segue presente a memória de muitas pessoas que deram sua vida pela revolução, mas ainda assim é uma sociedade cada vez mais individualista, cínica, cética em relação à ideia de uma mudança social profunda. Por isso, ver pessoas que têm a humildade e a determinação de serem ferramentas por um reforça a esperança no ser humano e sua capacidade de libertação.





Kemal Pir

Um exemplo internacionalista no início do PKK

Kemal Pir nasceu em 1952 na pequena aldeia de Güzeloluk e cresceu numa família de camponeses pobres. O seu intelecto e sucesso escolar permitiram-lhe entrar na universidade na cidade de Ancara e iniciar um curso superior. Através dos seus estudos, descobriu o marxismo-leninismo e envolveu-se no movimento revolucionário na Turquia. Rapidamente se tornou um marxista e socialista fervoroso:

“Durante os meus estudos, quis compreender o mundo, desvendar os seus segredos, expor as suas verdades. Tornei-me marxista porque entendi que as desigualdades vêm do sistema capitalista, então sou um socialista. Porém, saber decifrar o mundo não foi o suficiente para mim. É preciso ser capaz de o mudar. E para mudar o mundo é preciso lutar ... “

A sua determinação e vontade de mudar o mundo e lutar contra as injustiças levaram-no a agitar as lutas estudantis e o movimento revolucionário turco do final dos anos 60.

Em 1972, conheceu Abdullah Öcalan, que tinha acabado de ser libertado de um período de prisão de Mamak, no seguimento das manifestações que eclodiram após a morte de Mahir Cayan (jovem líder revolucionário turco). Em solidariedade revolucionária a este ex-prisioneiro político, Kemal Pir e o seu amigo Haki Karer, que moravam juntos num pequeno apartamento de estudantes, receberam Öcalan sem o conhecer. Durante este tempo juntos, os três jovens estudantes desenvolveram fortes laços de amizade e debateram muitas questões políticas juntos. Eles ficaram impressionados com o carisma de Öcalan e a precisão da sua análise e decidiram juntar-se a ele na sua busca revolucionária pela libertação do Curdistão, apesar de Kemal Pir não ser de origem curda.

As convicções políticas de Kemal e o seu conhecimento das condições opressivas em que vive o povo curdo levam-no a aderir a esta causa. Como resultado deste ato de solidariedade internacionalista, ele tornou-se um exemplo para revolucionários e internacionalistas de todo o mundo. Kemal



manteve uma perspectiva política que lhe permitiu abraçar a luta de libertação socialista para toda a humanidade, enquanto trabalhava ativamente na luta de libertação nacional curda.

“O nosso movimento, que surgiu em 1972 e hoje é conhecido como PKK, é, antes de tudo, um movimento ideológico. Não é um movimento nacionalista, se fosse eu não faria parte dele. “

Mas por que é que Kemal Pir não se juntou a um dos muitos grupos comunistas / marxistas existentes na época, que na altura eram muito maiores e mais poderosos do que o movimento curdo?

Anos de organização dentro da esquerda turca, resultaram no desenvolvimento por parte de Kemal de uma análise crítica do seu estado turbulento naquela altura. Ele concentrava-se na necessidade de reunir as forças revolucionárias e as massas populares:

“Entrei na luta contra o sistema com o objetivo de derrubá-lo. Os revolucionários na Turquia vieram do movimento comunista. No entanto, os revolucionários em 1974 estavam divididos. Nenhum dos ativistas que saíram da prisão poderia assumir um papel de liderança. Cada um representava a sua própria tendência, o que resultou numa maior fragmentação.

Kemal Pir viu no movimento de libertação curdo uma oportunidade, uma forma de mudar o mundo. Encontrou na ideologia de Öcalan uma maneira de reunir o povo, a massa popular, para lutar contra o fascismo e o capitalismo juntos.

Ele era um grande líder, que trabalhava incansavelmente pela causa e, ao mesmo tempo, dedicava a sua atenção pessoal a toda a gente que cruzasse o seu caminho. O seu conhecimento e respeito pela cultura curda rapidamente lhe trouxeram muita simpatia da sociedade curda. Aos poucos, ajudou a cultivar uma verdadeira amizade entre os povos turcos e curdos. Em última análise, ao lutar incansavelmente contra o nacionalismo e o chauvinismo de todos os tipos, conseguiu incorporar plenamente os seus princípios e possibilidades de internacionalismo.

“Através da nossa pesquisa ideológica, primeiro convencíamos-nos a nós mesmos. Depois, se tínhamos de dedicar três horas para convencer um camarada, dedicámos 300 horas para o persuadir”.

A sua visão holística da luta e a sua inteligência emocional permitiram-lhe exercer uma grande influência na sociedade. Para ele, cada pessoa tinha valor, mulheres, homens, jovens, idosos etc.

“Todos e tudo devem-se juntar à luta”.

A sua crescente influência atraiu rapidamente a atenção das forças contra-revolucionárias. Em 1976, quando o movimento entrou numa fase de conflitos abertos com a burguesia feudal, a máfia e o social-chauvinismo, Kemal tornou-se o alvo principal. Também reacionários turcos e curdos tentaram neutralizá-lo. O seu papel como vanguarda e internacionalista numa luta de libertação nacional despertou a hostilidade dos reacionários que tentavam arrancar as sementes da fraternidade entre os povos, que ele estava a semear em todo o lado.

Em 1977, o seu camarada próximo Haki Karer foi assassinado por um agente turco infiltrado, que se fazia passar por um líder revolucionário curdo. No mesmo ano, Kemal Pir foi detido e atirado para a prisão. Foi torturado pela polícia turca, que o considerou um traidor da nação por causa do seu compromisso com os curdos.

“O inimigo sente-se livre para nos torturar e destruir os valores mais sagrados da humanidade. Mas nós, revolucionários, somos livres para resistir e eu não vou vacilar. Mesmo que seja apenas para perder uma hora do seu tempo.”

Graças à sua determinação sem limites, ele conseguiu escapar e imediatamente voltou ao seu trabalho político.

Em 1978, junto com Abdullah Öcalan, Sakine Cansiz e cerca de vinte quadros do movimento, ele participou da fundação do Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK). Após o assassinato de Haki Karer, o movimento decidiu profissionalizar a sua ação política e constituir a organização de vanguarda necessária para realizar a tarefa revolucionária de mudar o mundo.

Pouco depois do congresso, Kemal Pir foi preso novamente. Na prisão, ele continuou o seu trabalho revolucionário, espalhando a ideologia do movimento para os seus companheiros de prisão. Ele deu seminários para presos políticos e presos comuns. Não podia permitir-se a si mesmo perder tempo e conseguia sempre transformar qualquer situação em potencial revolucionário. Usando as suas habilidades, organizou os prisioneiros entre si para lutar contra o poder do sistema prisional. Mais uma vez conseguiu escapar, levando consigo um grupo de prisioneiros que também se juntaria ao movimento de libertação.

De volta à clandestinidade, dirigiu-se ao Líbano, onde estavam localizados os primeiros campos de treino militar do PKK. Lá, recebeu treino no uso de armas e mais tarde tornou-se treinador dos outros grupos.

“Todos e tudo devem-se juntar à luta”. De volta à Turquia, viajou pelo país para organizar a luta contra as facções reacionárias da burguesia feudal e as máfias que oprimiam a população curda. Aos poucos, começou a planear a luta meticolosamente. No outono de 1980, foi preso novamente enquanto viajava com uma identidade falsa. Foi pouco depois foi transferido para a infame prisão militar de Diyarbakir.

As sessões de tortura começaram e cedo juntaram-se-lhe outros líderes do movimento que também foram presos durante as grandes incursões que se seguiram a um golpe militar na Turquia. As condições de detenção nesta prisão eram e ainda são simplesmente desumanas, os soldados encarregados da prisão praticavam tortura física e psicológica diária. Apesar da situação, Kemal Pir conseguiu permanecer uma fonte de moral para os seus companheiros de prisão. A sua capacidade de permanecer digno mesmo quando não conseguia mais ficar de pé após uma sessão de tortura inspirou os seus companheiros de prisão e tornou-se lendária.

Durante os julgamentos coletivos, a sua defesa política teve um grande impacto na situação política após o golpe de Estado na Turquia: “Eu não dou importância à dureza da vossa sentença, pelo contrário, sinto-me honrado porque o vosso julgamento contra mim é acima de tudo político”.

Em 1982, após o sacrifício do seu camarada Mazlum Dögan no dia do Newroz, Kemal Pir e outros prisioneiros de Diyarbakir iniciaram uma greve de fome para denunciar as suas condições de encarceramento. A pressão das autoridades contra eles aumentou. Então, eles transformaram a sua greve de fome numa greve de morte. Em pânico, as autoridades turcas usaram todos os tipos de pressão para fazê-los abandonar a greve. Um dia, um agente perguntou a Kemal Pir:

“Kemal, vocês não amam a vida?” Kemal Pir respondeu com orgulho: “Amamos tanto a vida que estamos prontos para morrer por ela.”

A greve de morte continuou até ao seu sacrifício. Preso na sombria prisão militar de Diyarbakir, o fascismo turco queria silenciá-lo. Kemal Pir conseguiu transformar esta oportunidade num exemplo de resistência, o seu sacrifício não só ajudou a aliviar as condições de detenção dos seus companheiros, mas também atuou como uma caixa de ressonância. Queriam silenciá-lo e apagá-lo do hori-

zonte político, a sua resistência tornou-o imortal e o exemplo de compromisso revolucionário ilumina o caminho da revolução internacionalista.

“Kemal, vocês não amam a vida?”

Kemal Pir respondeu com orgulho:

“Amamos tanto a vida que estamos prontos para morrer por ela.”



*"Insistir no socialismo
é insistir no ser humano"*



Contacto:
legerinkovar@protonmail.com
Redes sociales (instagram/reddit/twitter):
[@RevistaLegerin](https://www.instagram.com/RevistaLegerin)